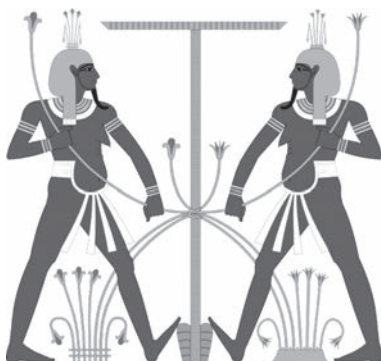


# Hapi

Director:  
**Telo Ferreira Canhão**



Lisboa, Maio de 2019/2020



# Arsínoe II (dinastia ptolomaica)

**José das Candeias Sales**

Universidade Aberta; ch-ulisboa

**Resumo:** O objectivo principal deste texto é apresentar, com algum detalhe, a rainha Arsínoe II do Egipto (316-270 a.C.), uma das mais marcantes figuras da história do início do século III a. C. que se distinguiu por vários aspectos: desde logo, facto significativo, por ter sido três vezes rainha (*basilissa*), em três territórios distintos, pelo casamento com três reis diferentes; depois, por ter praticado ou ter ficado associada a actos singulares no panorama político-religioso da sua época, designadamente o casamento consanguíneo com o seu irmão Ptolomeu II Filadelfo, no Egipto, e a honra de por ele ter sido deificada *post-mortem*, sendo adorada como deusa de pleno direito nos templos egípcios ao lado das tradicionais divindades do panteão egípcio; testemunho eloquente da sua posição ímpar, por ser a primeira soberana ptolomaica a ser representada sozinha em moedas; elemento igualmente relevante, o facto de ter sido, como atestam documentos egípcios e documentos gregos, a primeira rainha ptolomaica a ser identificada com a deusa Ísis; não menos significativo, como expressão da sua excepcionalidade política, ter beneficiado em vida de expressivos títulos reais, como se de um faraó masculino da tradição egípcia se tratasse, e de ter ostentando, como as representações iconográficas egípcias testemunham, uma coroa própria, criada e desenvolvida para ela («coroa de Arsínoe»), que nenhuma outra rainha egípcia usou antes dela.

**Palavras-Chave:** Egipto Ptolomaico; rainha; Arsínoe II; casamento consanguíneo; culto real; coroa.

**Abstract:** *The main purpose of this text is to present, in some detail, Queen Arsínoe II of Egypt (316-270 BCE), one of history's most remarkable figures of the beginning of the third century BC that distinguished herself for various reasons. First of all, she was a queen (basilissa) three different times, in three different territories, because she married three different kings. Then, she participated in or was associated to very peculiar acts in the political-religious scene of her time, namely, the consanguineous marriage with her brother Ptolemy II Philadelphos, in Egypt, and having had the honour of being deified by him after she died, and adored as a full right goddess in the Egyptian temples, side by side with the traditional deities of the Egyptian pantheon. She is also an eloquent testimony to her unique position, as she was the first Ptolemaic sovereign to be represented alone in Ptolemaic period coins. An equally revealing element is that she was, as the Egyptian and Greek documents state, the first Ptolemaic queen to be identified with the Egyptian goddess Isis. One must also point out that, as an expression of her political significance, she has benefited, both in life and after death, from noteworthy royal titles, similar to what we would see happen to the male pharaohs of the Egyptian tradition. Also, she displayed, as the iconographic Egyptian representations show, her own crown, created and developed for her ("Arsinoë crown"), that no other Egyptian queen wore before her.*

**Keywords:** *Ptolemaic Egypt; Queen; Arsinoë II; Consanguineous marriage; Royal cult; Crown.*

## INTRODUÇÃO

A civilização helenística tem mais a oferecer ao mundo hodierno do que apenas o simples charme do passado<sup>1</sup>. São muitas as criações que a esta civilização se podem atribuir, de diferentes naturezas, valências e repercussões, como a difusão do grego, sob a forma da sua língua comum (*koiné*), a adopção de técnicas gregas (bancos, artesanato, comércio, escultura), a criação de uma economia monetária, o desejo dos orientais de receber educação grega, motor de ascensão social, a substituição do ideal clássico da democracia pelo ideal monárquico, despótico, autoritário e autocrático, a intensa circulação de ideias e ideais, de cientistas, filósofos, poetas e artistas, o alto valor atribuído à ciência, a enorme especialização nos estudos, a disseminação das manifestações religiosas esotéricas e iniciáticas... No fundo, todos estes vectores constituíram aspectos essenciais da «helenização» do Oriente e do mundo antigo que marcou sobretudo o mundo mediterrânico oriental entre os séculos V a. C. e I d. C.

Entre as instituições que, no âmbito do espírito helenístico da *oikoumene*, nos foram legadas pelo Período Helenístico e que o marcaram, é de salientar, pelo seu significado e alcance, o considerável espaço de acção conquistado na esfera do poder político e público pelas figuras femininas, pelas mulheres, essencialmente da elite. Se é verdade que o mundo helenístico é um mundo de reis (*basileus*), com uma organização monárquica pessoal e hereditária, fundada inicialmente sobre o direito de conquista («direito da lança»), e, também, cada vez mais, no direito divino (ex.: no Egipto), não é menos verdade que é um mundo de afirmação e consolidação do papel das rainhas (*basilissas*) na vida pública e administrativa.

108

Neste particular, no caso do Egipto lágida, as rainhas, muito à custa da sua associação com a grande deusa do panteão egípcio Ísis (percebida na iconografia, em inscrições e em papiros), mostraram-se bastante mais intervenientes, activas, independentes, poderosas e decisivas no exercício do poder político do que as suas antecessoras autóctones de épocas anteriores, demonstrando uma radical alteração dos papéis de género entre a tradição egípcia e a grega<sup>2</sup>. Entre os reinos helenísticos, a dinastia ptolomaica destacou-se, realmente, pelo excepcional proeminente papel público conferido às mulheres<sup>3</sup>. O fenómeno da emergência e afirmação do papel da rainha no Egipto ptolomaico, sem precedência no mundo grego, não obstante as fortes personalidades de algumas rainhas macedónicas (especialmente Olímpia, mãe de Alexandre Magno), constitui, portanto, um novo vector de ponderação e análise do mundo helenístico, um elemento-chave da organização político-ideológica.

Frequentemente, como exemplo paradigmático, cita-se o caso mais conhecido da célebre Cleópatra VII (69-30 a. C.) que, no final da dinastia lágida, por entre pressões e constrangimentos vários, designadamente de origem romana, exerceu de forma activa, autoritária e empenhada a realeza no Egipto. Não se trata, porém, de caso isolado. Antes dela, na sua própria dinastia, ao longo dos séculos IV-I a. C., outras rainhas ficaram conhecidas pela sua visível

1 - GREEN, 1997: X; SALES, 2005: 216.

2 - TYLDESLEY, 2006: 189; ROWLANDSON, 1998: 3; PLANTZOS, 2011: 389.

3 - ROWLANDSON, 1998: 24; MINAS-NERPEL, 2015: 809-811.

e forte intervenção nos assuntos e destinos políticos internos e externos do reino do Egíto, como Berenice I (340- c. 268 a. C.), Cleópatra I (c. 215-176 a. C.), Cleópatra III (165/160-101 a. C.) e Arsínoe IV (c. 65-40 a. C.).

Logo no início da dinastia ptolomaica, merece destaque especial o caso de uma outra rainha que aqui nos interessa: Arsínoe II. A intervenção, o protagonismo e a importância política desta *femina politica* do séc. III a. C., de carácter bem definido, revelam um assinalável grau de emancipação que marcaria, em consequência, a partir de então, o papel e o perfil das rainhas da dinastia ptolomaica. Arsínoe II instituiu um modelo de actuação política, com laivos de dignidade, originalidade e singularidade, que se tornou referencial, pelo menos para as rainhas da sua dinastia, como a História mostrou.

Ao sumariar a acção de Arsínoe II na história do Egíto, Joyce Tyldesley escreveu:

«Arsínoe II, rainha do Egíto apenas durante cinco a sete anos, foi uma mulher de grande influência, cujas imagens mostram usando o duplo *uraeus*, possivelmente como forma de a distinguir das suas predecessoras. Depois de sua morte, Arsínoe foi deificada pelo seu enlutado marido e estátuas da rainha, agora “filha de Amon” e “filha de Geb”, foram colocadas em todos os principais templos do Egíto para que ela pudesse ser adorada ao lado das divindades mais tradicionais. Seria talvez muito cínico sugerir que Ptolomeu II usou sua irmã-esposa deificada como meio para aumentar sua popularidade entre o povo egípcio, mas a devoção pública à sua nova deusa certamente não lhe causou nenhum transtorno. O culto de Arsínoe, mantido por sacerdotisas, floresceu em Alexandria durante o Período Romano.»<sup>4</sup>

109

De facto, tendo alcançado considerável popularidade, Arsínoe II foi uma rainha que se caracterizou e distinguiu por vários aspectos, qual deles o mais expressivo: desde logo, facto significativo, por ter sido três vezes rainha (*basilissa*), em três territórios distintos, pelo casamento com três maridos-reis diferentes; depois, por ter praticado ou ter ficado associada a actos singulares no panorama político-religioso da sua época, nomeadamente o casamento consanguíneo com o seu irmão Ptolomeu II Filadelfo, no Egíto, e a honra de por ele ter sido deificada *post-mortem*, sendo, em consequência, adorada nos templos egípcios ao lado das tradicionais divindades do panteão; não menos significativo, como expressão da sua excepcionalidade política, ter beneficiado de expressivos títulos reais, como se de um faraó masculino da tradição egípcia se tratasse, e de ter ostentando, como mostram as representações iconográficas, uma coroa própria, específica («coroa de Arsínoe»), diferente das tradicionais coroas, que nenhuma outra rainha ou deusa egípcia usou antes dela.

Nesta exposição, mais ou menos detalhada, explicitaremos os principais elementos associados à sua carreira política, procurando estabelecer os vários episódios e momentos da sua acção, intervenção e influência na vida pública, do ponto de vista político e simbólico, sobretudo no Egíto lágida.

---

4 - TYLDESLEY, 2006: 192.

## 1. Primeira fase: carreira política fora do Egípto

Arsínoe II Filadelfo (gr.: Ἀρσινόη Φιλάδελφος) nasceu em Alexandria, em 316/315 a. C., onde viria também a falecer em 270 a. C.<sup>5</sup>. O seu nome (Arsínoe) significa «mente elevada», «intelecto elevado». Era a filha mais velha de Berenice I do Egípto (c. 345-278/277 a. C.), filha de Magas e de Antígona, terceira esposa legítima de Ptolomeu I Sóter, o general de Alexandre que tomara conta do Egípto logo após a morte daquele e que, em 305 a. C., assumira a *basileia*<sup>6</sup>. A filha dos fundadores da dinastia macedónica do Egípto, recebeu o nome da sua avó materna, uma provável concubina de Filipe II da Macedónia, provavelmente pai de Ptolomeu I e, portanto, seu avô. Nesta reconstituição linhagística que admite que Ptolomeu I era meio-irmão de Alexandre, o Grande, Arsínoe seria, portanto, meia-sobrinha do grande conquistador.

A sua carreira política iniciou-se, em 300/299 a. C., aos 16 anos, com o casamento com Lisímaco, rei da Trácia (c. 306-281 a. C.) e depois da Macedónia (285-281 a. C.), um dos sucessores de Alexandre Magno e companheiro de armas de seu pai, então com 60 ou 61 anos de idade, que recebera a satrapia da Trácia e, em 306 a. C., se tornara *basileus*<sup>7</sup>. Para casar com Arsínoe (o seu terceiro casamento) e, assim, cimentar as relações com Ptolomeu I do Egípto, Lisímaco repudiou a sua primeira mulher, Niceia, e a persa Amastris, que viria a ser assassinada pelos seus dois filhos<sup>8</sup>.

O casamento de Arsínoe (instrumento simbólico da política masculina) foi manifestamente um casamento diplomático, integrado na política de alianças decidida pelo seu pai, Ptolomeu I, um grande diplomata e estratega, ao sabor da conjuntura política internacional

110

5 - PEREMANS, VAN 'T DACK, MOOREN, SWINEN, 1968: 14491. A questão da data da morte de Arsínoe II é um dos mais debatidos temas da cronologia ptolomaica. Segundo Calímaco, no hino que dedicou à falecida rainha, parcialmente preservado no *pBerol 13417A*, estabeleceu-se que a morte de Arsínoe II coincidiu com a Lua Cheia do mês Pachons do ano 15, ou seja, 25 de Julho de 270 a. C. (tendo como referente o ano de 285/284 a. C. como início da sua co-regência com Ptolomeu II). No entanto, alguns *experts* reinterpretam as referências literárias e epigráficas e colocam o momento da morte de Arsínoe II a 1 ou 2 de Julho de 268 a. C., data não de uma Lua Cheia, mas, sim, de uma Lua Nova. O debate não está encerrado e coexistem ainda outras propostas de datação situadas entre 270/269 e 268/267 a. C. (VAN OPPEN DE RUITER, 2010: 139-150). Ver também LONGEGA, 1968.

6 - Habitualmente, reconhecem-se várias esposas a Ptolomeu I Sóter (*PP VI*, 14538), sendo as mais citadas i) a famosa hetera ateniense Thais (*PP VI*, 14723), de quem teve três filhos: Lagos (*PP VI*, 14527), Leonticos (*PP VI*, 14528) e Irene (*PP VI*, 14507); ii) Artakama (*PP VI*, 14494), também conhecida como Apama (*PP VI*, 14487), filha de Artábazo (387-325 a. C.), sátrapa de Daskileion (sob a XXXI dinastia persa) e da Bácia (sob Alexandre Magno), bisneta do rei Artaxerxes II da Pérsia, que desposou em Susa, em 324 a. C.; iii) Eurídice (*PP VI*, 14509), filha de Antípatro, com quem casou c. 320/319 a. C., mãe, entre outros, de Ptolomeu Cerauno (*PP VI*, 14539), de Lisandra (*PP VI*, 14529 e 14530), que casaria, em 297/296 a. C., com Alexandre V (filho de Cassandro II) e depois, em 294/293 a. C., com Agátocles, filho de Lisímaco da Trácia, e de Ptolemais (*PP VI*, 14565), que casaria com Demétrios Poliorceta (*PP VI*, 16065), em Mileto, em 287 a. C., e iv) Berenice I (*PP VI*, 14497), provavelmente filha de Magas e seguramente de Antígona, neta, portanto, de Cassandro (general de Alexandre, o Grande) e bisneta de Antípatro (um dos seus sucessores), com quem casou em 316 a. C., de quem nasceriam Arsínoe II (*PP VI*, 1449), Ptolomeu II (*PP VI*, 14540) e Filoteria (*PP VI*, 14574). Enquanto Thais é considerada concubina, as restantes esposas de Ptolomeu I são aceites como suas esposas legítimas (BEVAN, 1934: 68, 69; POMEROY, 1990: 13, 14, 53, 99; TYLDESLEY, 2006: 190; DODSON, HILTON, 2004: 271, 275, 279-281; MACURDY, 1932: 55-58; 102-109; TUNNY, 2000: 85; MÜLLER, 2016: 203-206.

7 - BURSTEIN, 1982: 198.

8 - SAUNERON, 1960: 196 : 93.

do Mediterrâneo oriental da época<sup>9</sup>. Com o casamento dos seus filhos com os de Lisímaco da Trácia, a saber, Ptolomeu II (filho de Berenice I) com Arsínoe I (filha de Lisímaco e de Niceia), de Lisandra (do casamento com Eurídice), em c. 285 a. C., com Agátocles (também filho de Lisímaco com Niceia), e de Arsínoe II com o velho companheiro de armas no exército de Alexandre Magno, Ptolomeu I Sóter pretendia unir o Egípto e a Trácia na luta contra o outro diádoco, Seleuco Nicator, então *basileus* da Síria, e também frustrar as ambições de Demétrio Poliorceta, filho de Antígono I Monoftalmo<sup>10</sup>.

Pelo casamento, Lisímaco agraciou a sua rainha lágida com as cidades de Éfeso, Heracléia, Tio, Amastris e Cassandreia, o que, desde logo, prova a dimensão política subjacente ao casamento, ao mesmo tempo que demonstra a forte influência que a jovem Arsínoe, ávida de poder e de glória, exerceu sobre o envelhecido marido, além de ser uma substantiva contribuição para o aumento da sua riqueza pessoal, uma vez que auferia uma receita própria, proveniente dos impostos recebidos nessas possessões<sup>11</sup>. Casada com Lisímaco, Arsínoe desfrutou de uma posição de prestígio na corte, exercendo funções públicas e privadas, embora não fosse nem a esposa principal nem a mãe do herdeiro ao trono. Do casamento com Lisímaco, que duraria até à morte deste, em 281 a. C., na Batalha de Curopédio, na Lídia, Ásia Menor (na atual Turquia ocidental) nasceram três filhos a Arsínoe: Ptolomeu, dito de Telmessos<sup>12</sup> Lisímaco<sup>13</sup> e Filipe.

Visando favorecer o seu filho primogénito como sucessor, em 284 a. C., Arsínoe, qual Fedra, convenceu Lisímaco a mandar matar Agátocles, o seu filho primogénito e herdeiro (filho de Niceia), que foi acusado, sob a batuta de Arsínoe, de conspirar contra o pai<sup>14</sup>. Depois da morte de Lisímaco, em Fevereiro de 281 a. C., Arsínoe, que se encontrava em Éfeso, teve de se refugiar em Cassandreia, no norte da Grécia, uma cidade fortificada que lhe pertencia, com os seus três filhos, trocando de identidade com uma sua serva, a qual se vestiu com as suas roupas, tendo sido morta, por engano, em seu lugar. Com a riqueza de que dispunha, organizou então, em Cassandreia, um exército composto por mercenários e pelas tropas de seu marido que se mantiveram fiéis a seu lado.

Arsínoe casou nessa altura (281/280 a. C.) com Ptolomeu Cerauno (*PP VI*, 14539), seu meio-irmão (filho de Ptolomeu I e de sua esposa, Eurídice), que, desde 281 a. C., governava a Macedónia e a Trácia depois de matar Seleuco I, num casamento claramente também com motivações e objectivos de carácter político<sup>15</sup>. O casamento surgia muito vantajoso para am-

9 - SALES, 2013: 42.

10 - WILL, 1979: 87, 104, 105; BEVAN, 1934: 52-55, 71; BURSTEIN, 1982: 209; CLAYTON, 1995: 209; CARNEY, 2013: 2-7. A estes casamentos dinástico-diplomáticos há que acrescentar os de Antígona e Theoxena, duas filhas de Berenice I, do seu primeiro casamento com Filipe, com Pirro e com Agátocles, governador de Siracusa (BEVAN, 1934: 54).

11 - POMEROY, 1990: 16-18.

12 - *PP VI*, 14541.

13 - COPPENS, 2005: 123.

14 - BOUCHÉ-LECLERCQ, 1903:145, 146.

15 - Objectivamente, este foi o primeiro casamento entre irmãos no âmbito da dinastia ptolomaica (embora entre meios-irmãos por linha paterna), mas perante o relevo do posterior casamento de Arsínoe com o irmão Ptolomeu II do Egípto (irmão verdadeiro, completo), este primeiro casamento passa um tanto despercebido (AGER, 2005: 4, 5, 20).

bos: para Ptolomeu Cerauno era uma forma eficaz de se apropriar dos «símbolos dinásticos» (Arsínoe e os seus filhos com Lisímaco) para construir uma ideia de continuidade no trono da Trácia e da Macedónia e de, assim, legitimar a sua sucessão (objectivamente uma usurpação assente num assassinato). Ao mesmo tempo, o novo rei impedia que os filhos de Lisímaco reivindicassem o trono e neutralizava a possibilidade de outro candidato se casar com Arsínoe e de, através dela, chegar ao poder. Arsínoe gozava, pois, de um prestígio político e de uma representação de poder capaz de interferir nas disputas pelo poder e pela sucessão da Trácia e da Macedónia. Para Arsínoe significava uma forma de recuperação da posição que, no fundo, perdera com a morte de Lisímaco. O casamento permitir-lhe-ia acalentar a secreta esperança de colocar um dos seus filhos como rei.

Arsínoe foi, então, rainha da Macedónia, entre 281/280 a 279 a. C.<sup>16</sup>. Negociou os termos e as condições do seu casamento com Cerauno, forçando-o a casar de forma mais pública do que o usual (diante das tropas macedónicas). Qual Clitemenestra, viu o seu novo marido matar-lhe, pouco depois, os seus dois filhos mais novos (Lisímaco, com 16 anos, e Filipe, com 13), tendo o mais velho (Ptolomeu, com 18 anos) fugido para a Ilíria. Arsínoe não teria filhos do casamento com Ptolomeu Cerauno<sup>17</sup>. A conspiração de Cerauno contra Arsínoe e seus filhos, empenhado, portanto, em eliminar de vez a concorrência política que os filhos de Arsínoe representavam, como Justino menciona (*Epítome* 24), provocou a quebra do juramento e dos acordos matrimoniais estabelecidos entre ambos.

## 2. Segunda fase: carreira política no Egipto

Fugindo de Cerauno, Arsínoe refugiou-se, primeiro, no santuário de Samotrácia e, depois, no Egipto, em Alexandria, na corte do seu irmão Ptolomeu II<sup>18</sup>. A presença de Arsínoe no Egipto propriamente dito, com residência em Alexandria, divide-se basicamente por dois períodos: 316 a 300/299 a. C. e 279 a 270 a. C. O primeiro período decorre, no fundo, do seu nascimento até ao casamento diplomático fomentado pelo pai, Polomeu I Sóter, com Lisímaco da Trácia. Falamos dos primeiros 16 anos da sua vida, que correspondem à sua infância, adolescência e educação na capital dos Lágidas, já então uma cidade ímpar no Mediterrâneo oriental. Embora a informação sobre ela seja muito parca, é certo que nesse período riquíssimo do ponto de vista político-diplomático Arsínoe assistiu à progressiva afirmação real e tomada de poder de seu pai sobre o Egipto: tinha 10 anos quando Ptolomeu I assumiu integralmente a *basileia* (305 a. C.) e fundou aquela que seria a última dinastia a reinar sobre o Egipto com capital e corte justamente em Alexandria<sup>19</sup>. Arsínoe terá ainda percepcionado as intensas lutas e conflitos pela sucessão, envolvendo as mulheres de seu pai, particularmente a sua mãe, Berenice I, e Eurídice, a mãe de Ptolomeu Cerauno. Nesta fase, terá também,

16 - BIELMAN, 2002: 75, 76; DODSON, HILTON, 2004: 280; CANEVA, 2013: 286.

17 - DODSON, HILTON, 2004: 271; HÖLBL, 2001: 35, 36.

18 - BOUCHÉ-LECLERCQ, 1903: 160. Ptolomeu Cerauno morreria logo em 279 a. C., num conflito com os Gauleses, uma tribo da Ásia Menor.

19 - CARNEY, 2013: 16-18.

certamente, conhecido alguns dos poetas da corte que o pai convidara para Alexandria como tutores do irmão Ptolomeu e talvez dela própria, como Zenódoto de Éfeso, Filotas de Cós e Estratão de Lâmpsaco. O segundo período assinala o regresso ao Egito, com 36/37 anos de idade, para se refugiar na corte do irmão Ptolomeu II (a convite do irmão? por iniciativa própria? após algum tipo de negociação?), depois dos acontecimentos adversos por que passara na Macedónia. São apenas cerca de oito anos, mas em que, através do casamento consanguíneo com o irmão, alcançou uma considerável posição de prestígio e influência nos assuntos da corte egípcia, até à sua morte em 270 a. C.

Entre 279 e 274 a. C.<sup>20</sup>, Arsínoe, qual Hera, tornou-se, pois, na segunda mulher de Ptolomeu II Filadelfo (*PP VI*, 14570), seu irmão, filho também, portanto, de Ptolomeu I e Berenice I, embora não primogénito daquele<sup>21</sup>, então já casado, desde 285-282 a. C., com Arsínoe I (*PP VI*, 14490), filha de Niceia e de Lisímaco da Trácia e da Macedónia, com quem Arsínoe estivera casada. Arsínoe reinaria com Ptolomeu II no Egito até à sua morte a 9 de Julho de 270 a. C. (estelas de Pithom e de Mendes), com cerca de 45 anos de idade. Não houve também filhos deste seu terceiro casamento<sup>22</sup>.

Em contraste, do seu casamento com Arsínoe I, Ptolomeu II teve três filhos: Ptolomeu III (*PP VI* 14543), sucessor no trono do Egito, Lisímaco (*PP VI*, 14531) e Berenice Fernoferos (*PP VI*, 14498), que, em 252 a. C., casou com o rei selúcida Antíoco II Theos, da Síria, vindo a ser rainha daquele território. Arsínoe II desacreditaria e expulsaria para Coptos, no Alto Egito, perto do Uadi Hammamat, até à sua morte, em 247 a. C., esta primeira mulher de Ptolomeu II, sua enteada e cunhada, sob a acusação de conspirar com Amintas e o médico Crísipo contra Ptolomeu II<sup>23</sup>. Provavelmente, a rivalidade entre as Arsínoe derivou do facto de Arsínoe II pretender impor o seu filho primogénito, Ptolomeu, filho de Lisímaco, em detrimento do filho homónimo de Arsínoe I<sup>24</sup>. Arsínoe I (308-247 a. C.) foi, portanto, repudiada e banida pelo seu marido, muito provavelmente de forma injusta, e morreria sozinha, em Coptos, após 27 anos de exílio, sem ligações com a corte alexandrina<sup>25</sup>.

20 - Para Edda Bresciani *et all.*, o casamento ocorreu em Março de 278 a.C (BRESCIANI, GIANNOTTI, GORINI, GRASSI, MENCHETTI, ROGOZNICA, 2003: 37).

21 - O primogénito de Ptolomeu I era justamente Ptolomeu Cerauno, nascido da primeira esposa Eurídice. A forte acção política de Berenice I, reconhecida como mulher de grande poder (*megiston dynamene*), virtude (*arete*) e sabedoria (*phronesis*), está, certamente, subjacente à escolha do seu filho, Ptolomeu II, para sucessor no trono do Egito, em detrimento do filho de Eurídice, sua prima, que foi exilado (RODRIGUES, 2018: 267). Quando morreu, o filho Ptolomeu II e depois Ptolomeu V Filopator decretaram honras divinas em seu nome (Teócrito, *Idílios XV e XVII*). Ptolomeu II Filadelfo (285/283-246 a. C.), que subiu ao poder aos 25 anos (285/283 a. C.), por inteligente abdicação voluntária do pai, reinou até aos 63 anos (246 a. C.) – BEVAN, 1934: 70-73; CANEVA, 2014A: 31, 32; FOSTER, 2016.

22 - DODSON, HILTON, 2004: 271.

23 - BOUCHÉ-LECLERCQ, 1903: 159, 162; CLAYTON, 1995: 210; BEVAN, 1934: 76, 77; BURSTEIN, 1982: 201; DODSON, HILTON, 2004: 271, 275; MACURDY, 1932: 109-111; FRASER, 1972: 347. Não há nenhum documento egípcio que ateste a sua existência, embora seja habitual atribuir a Arsínoe I uma estátua encontrada em Coptos, mencionando-a como «grande esposa de Ptolomeu, Arsínoe». O seu filho reinaria no Egito, depois da morte do pai, como Ptolomeu III Evérgeta II (246-221 a. C.).

24 - CANEVA, 2013: 288. Arsínoe II defenderia durante toda a sua vida as pretensões deste seu filho com Lisímaco ao trono da Macedónia e do Egito, mas morreria sem ver o seu desejo concretizado.

25 - Pode dizer-se que a morte de Lisímaco da Trácia na batalha de Curopédio, em 281 a. C. teve enormes reper-

## 2.1.Casamento consanguíneo entre irmãos

É na sequência desta suposta traição que Ptolomeu II decide reavivar a tradição real egípcia dos casamentos entre irmãos, casando com a sua irmã Arsínoe II. Há, todavia, quem defenda que o repúdio de Arsínoe I ocorreu antes da chegada de Arsínoe II ao Egito e que quando esta chegou já Cerauno teria morrido, o que significa que tanto Ptolomeu II como a sua meia-irmã estariam livres para se casar novamente e que Arsínoe II não estaria por trás de qualquer conspiração contra Arsínoe I<sup>26</sup>. Apesar de vários estados gregos permitirem os casamentos entre meios-irmãos, o casamento entre irmãos era rejeitado em todo o lado. De facto, o casamento fraternal, consanguíneo, incestuoso, muito próximo dos modelos mitológicos egípcios (caso, por exemplo, do casal-irmão da mitologia heliopolitana, Chu e Tefnut, e do mito de Osíris e de Ísis), estava afastado do conceito macedónico e grego (não obstante as hierogamias como as de Zeus e de Hera e de Cronos e Réia) e escandalizaria a opinião pública grega da época, mau grado os esforços dos poetas cortesãos Calímaco e Teócrito apelando para a inspiração sagrada de Zeus e Hera<sup>27</sup>. Se, para o mundo egípcio, o casamento entre irmãos era um processo de legitimação real e de granjear a harmonia universal representada pela deusa Maet, para o mundo grego, o incesto, «casamento ímpio» (*gamos asebéês*), era proibido pelo «costume = lei» (*nomos*) e era repugnante, porque demonstrava uma falta de restrição, de autodomínio, de uma perda da virtude de *sophrosyne*, inevitavelmente resultando num estado de poluição formal, *miasma*<sup>28</sup>.

Pelo singular casamento endogâmico de Arsínoe II e Ptolomeu II, os Ptolomeus pretendiam distinguir-se a si próprios dos ordinários mortais, pelo que, a partir daí, os casamentos entre irmãos tornaram-se tão normais na dinastia lágida como os casamentos exogâmicos. Constituíam a «assinatura dinástica» dos Ptolomeus<sup>29</sup>. Neste sentido, pode afirmar-se que Arsínoe II está ligada ao estabelecimento desta nova prática na dinastia dos Lágidas, a que o seu nome Filadelfo («a que o irmão ama») faz alusão<sup>30</sup>, continuada depois por várias outras rainhas suas «descendentes»: Arsínoe III Filopator, que casou com o irmão Ptolomeu

---

cussões no seio da corte lágida: por um lado, provocou o regresso e influência de Arsínoe II, sua mulher, junto de Ptolomeu II e, por outro, originou o fim da «utilidade política» da sua filha, Arsínoe I, que, porém, não foi morta porque era a mãe do herdeiro ao trono do Egito (TUNNY, 2000: 83; MACURDY, 1932: 110, 111; CARNEY, 2013: 70; ZAVALIS, 2019: 71-74).

26 - CARNEY, 2013: 86, 87.

27 - BOUCHÉ-LECLERCQ, 1903: 98, 163, 164; BURSTEIN, 1982: 210; HAUBEN, 1989: 457; KOENEN, 1993: 61, 62; HÖLBL, 2001: 36, 111, 112; VAN OPPEN DE RUITER, 2007: 256-262. Recorde-se que Teócrito, no *Elogio a Ptolomeu II* (*Idil.* 17, v. 131-132), composto antes da morte de Arsínoe II Filadelfo, ou seja, ainda em vida da rainha, comparou justamente a união do casal real Ptolomeu II Filadelfo/Arsínoe II ao casamento sagrado de Zeus e Hera: “*Ele [Ptolomeu II] e a sua nobre esposa [Arsínoe II], a melhor das mulheres, que, no leito conjugal, enlaça nos seus braços um jovem esposo; ela ama do fundo do seu coração aquele que é seu irmão e seu marido; foi, assim, também, entre os Imortais, que se realizou o sagrado casamento dos filhos da poderosa Réia, Zeus e Hera, soberanos do Olimpo*”. Calímaco procurou o mesmo (frag. 392) – THIERS, 2007: 64; HÖLBL, 2001: 112; AGER, 2005: 5, 17, 18; TONDRIAU, 1948: 3,4; LEGRAND, 1960: 151; HEINEN, 1978: 186; CANEVA, 2014A: 36.

28 - TROY, 1986: 60-64; FULIŃSKA, 2010: 74, 77, 78; AGER, 2005: 2; HUNTER, 2003: 90, 91.

29 - AGER, 2005: 16.

30 - CHAUVEAU, 1998: 1263-1275.

IV Filopator (ambos filhos, portanto, de Ptolomeu III e Berenice III)<sup>31</sup>; Cleópatra II, casada com o irmão Ptolomeu VI Filometor (ambos filhos de Ptolomeu V e Cleópatra I)<sup>32</sup>; Cleópatra Selene, que casou com Ptolomeu IX Sóter II, sendo ambos filhos de Ptolomeu VIII e Cleópatra III<sup>33</sup>; Cleópatra V Trifena, mãe de Cleópatra VII, que casou com o irmão Ptolomeu XII Neos Dionisos Auleta (sendo ambos filhos de Ptolomeu IX Sóter II e de uma mulher desconhecida)<sup>34</sup> e Cleópatra VII, que casou com os irmãos Ptolomeu XIII e Ptolomeu XIV, sendo todos filhos de Ptolomeu XII e Cleópatra V Trifena<sup>35</sup>. Com Arsínoe II iniciou-se a tradição ptolomaica do casamento entre irmãos, que duraria até ao final da dinastia.

Não se pode descartar a possibilidade de os sacerdotes egípcios, designadamente de Mendes, terem aconselhado Ptolomeu II a casar com a sua meia-irmã, recém-chegada ao Egipto, e assim recompor o casal real e legitimar-se como faraó. As circunstâncias políticas na corte de Alexandria, então o centro nevrálgico de toda a sociedade helenística, eram também particularmente favoráveis a jogos de combinações e intrigas que Arsínoe II parece ter sido capaz de aproveitar a seu favor<sup>36</sup>. Seja pelo impulso do clero local, seja pela sua forte personalidade, seja pela debilidade da de Ptolomeu II, seja pela eventual conjugação de todos os aspectos, o casamento ocorreu e o empenho de Arsínoe II na administração interna do Egipto é perceptível, por exemplo, através de uma visita de inspecção, em 274 a. C., com Ptolomeu II, a um canal nilótico reescavado, documentada nas fontes disponíveis. Tudo indica que a rainha tinha também uma clara intervenção nos «negócios estrangeiros»: pretendia restituir ao Egipto o estatuto de grande e influente potência, conquistando a Arábia, a Síria, a Ásia Menor, a Grécia e a Macedónia<sup>37</sup>. Arsínoe II contribuiu para a vitória de Ptolomeu II na Primeira Guerra Síria (274-271 a. C.), travada entre as forças lágidas e as selêucidas. Ela está seguramente associada à vertente agressora desempenhada pelo marido nos conflitos dos anos 70 da centúria de 200 a. C.<sup>38</sup> Curiosamente, após a sua morte, os combates de Ptolomeu II saldar-se-iam todos por sucessivos insucessos e o poderio lágida começou a dar sinais de desgaste, inconsistência e fraqueza. Arsínoe II parece ser a verdadeira inspiradora, instigadora e dirigente da política de expansão e de dominação marítima do império ptolomaico.

Da mesma forma, em 273 a. C., a activa diplomacia de Ptolomeu II para Oriente (Índia), com vista à manutenção e reforço da dominação marítima dos Lágidas, e para Ocidente (Roma e Itália), com a finalidade de promover relações económicas, parece ter tido também a sua influência e suporte de Arsínoe II<sup>39</sup>. Arsínoe II deve também ter estado associada ao

31 - *PP VI*, 14492. BEVAN, 1934: 261; MACURDY, 1932: 136-141; SALES, 2005: Anexo 3. Genealogia dos Lágidas.

32 - *PP VI*, 14516. BEVAN, 1934: 319; MACURDY, 1932: 147-161; SALES, 2005: Anexo 3. Genealogia dos Lágidas.

33 - *PP VI*, 14520. BEVAN, 1934: 368; MACURDY, 1932: 170-172; SALES, 2005: Anexo 3. Genealogia dos Lágidas.

34 - *PP VI*, 14523. BEVAN, 1934: 384; MACURDY, 1932: 175-180; SALES, 2005: Anexo 3. Genealogia dos Lágidas.

35 - *PP VI*, 14525. BEVAN, 1934: 408; MACURDY, 1932: 184-223; SALES, 2005: Anexo 3. Genealogia dos Lágidas.

36 - HAUBEN, 1983: 108.

37 - HÖLBL, 2001: 40. Quando ascendeu ao poder, Ptolomeu II possuía já um considerável império: na Síria governava a Palestina, grande parte da Fenícia e a Celesíria; em África, a Cirenaica estava sob a sua autoridade; Chipre, algumas ilhas das Cíclades e talvez a costa da Lícia pertenciam também ao domínio da Casa Real lágida (TARN, 1928: 249).

38 - BURSTEIN, 1982: 204.

39 - TARN, 1928: 251.

plano para sustentar o poder de Antígono Gónatas, na Grécia, que lhe permitiu afirmar que possuía todo o Mediterrâneo grego. Arsínoe II é um caso paradigmático do poder particular da rainha helenística-ptolomaica, do «poder por trás do trono» ou da partilha de soberania com o detentor masculino do poder político<sup>40</sup>. Arsínoe II conseguiu actuar no espaço público como *basilissa* e faraó. Como escreveu Hans Hauben: «A rainha Arsínoe II foi mais do que a esposa pura e simples do rei Ptolomeu Filadelfo»<sup>41</sup> ou como defendia W. W. Tarn, «ela era não apenas uma rainha, mas virtualmente um governante»<sup>42</sup>. A mesma opinião tinha Serge Sauneron: «Tornada soberana do Egipto, Arsínoe não se contentou com o papel relativamente apagado normalmente reservado às rainhas no país; surgia sempre como uma co-regente»<sup>43</sup>. Mesmo que estes autores possam exagerar na tese da personalidade forte e dominadora (*dominatix*), no grau de poder de Arsínoe II e na debilidade e fraqueza de vontade de Ptolomeu II, quase invertendo os tradições padrões masculino-feminino, passivo-activo, fraco-forte, é indiscutível e aceite que a influência desta rainha existiu e que foi marcante na corte alexandrina e sobre o seu irmão, o rei em título<sup>44</sup>.

## 2.2. Títulos e regalia

É hoje aceite que Arsínoe II, antes do seu percurso político no Egipto e, provavelmente depois, já em território egípcio, participou, directa ou indirectamente, no afastamento e eliminação de adversários políticos, assumindo atributos habitualmente mais conformes a personalidades masculinas<sup>45</sup>. «A irmã», título que a partir de Arsínoe II passou a ser dado à esposa do rei, não significa um papel subalterno ou menor da rainha egípcia a partir de então. Antes pelo contrário: as fontes literárias dão nota de uma mulher de temperamento marcado, ambiciosa, de vontade férrea e de uma imensa ambição política<sup>46</sup>. «Bela e voluntariosa, é uma mulher temível», assim a classificou Christian Jacq<sup>47</sup>, ou «poderosa, resoluta e ambiciosa», na categorização de Alan K. Bowman<sup>48</sup>, ou ainda «mulher insaciável» de uma «ambição agressiva», como escreveu Serge Sauneron<sup>49</sup>; já Bouché-Leclercq a descrevera com «uma

40 - VAN OPPEN DE RUITER, 2007: 242-244.

41 - HAUBEN, 1983: 110.

42 - TARN, 1982: 250.

43 - SAUNERON, 1960: 93.

44 - A historiografia divide-se entre os que defendem que Arsínoe II foi a força motriz da política de Ptolomeu II e os que tendem a minimizar o seu papel o mais possível. Sobre Arsínoe II podem identificar-se três *topoi*: 1- dominou o irmão e governou em seu lugar (John Pentland Mahaffy (1895), Ulrich Wilcken (1896), Auguste Bouché-Leclercq (1903), William Tarn (1913), Edwyn Bevan (1927), Grace Macurdy (1931) e Gabriella Longega (1968)); 2- completou as tarefas do marido, exercendo uma espécie de co-regência a seu lado (Sarah B. Pomeroy (1984), Hans Hauben (1983) Maria Nilsson (2009), Elizabeth Carney (2013), entre outros); 3- foi uma simples esposa real, cujo poder seria fruto de uma construção discursiva (Walter Otto (1931), Eduard Will (1966), Heinz Heinen (1972), Stanley Burstein (1982), Richard Hazzard (2000) e outros) – HAUBEN, 1983: 108; BARBANTANI, 2008: 104-110; ZAVALIS, 2019: 23, 169.

45 - RODRIGUES, 2018: 269.

46 - BIELMAN, 2002: 76.

47 - JACQ, 1998: 145.

48 - BOWMAN, 1986: 14.

49 - SAUNERON, 1960: 93, 95.

mulher enérgica e ambiciosa»<sup>50</sup>. Os numerosos títulos de Arsínoe II (conhecem-se 41 designações hieroglíficas) são expressão da sua importância e do seu papel político.

Foi o seu irmão e esposo Ptolomeu II que a proclamou, nalguns casos *post-mortem*, «Soberana das Duas Terras» (*hnwt-t3wi*), «Senhora das Duas Terras» (*nbt-t3wi*), «Grande Soberana do Egipto» (*hk3t 3t Kmt*), «Soberana de tudo o que o disco solar (=Aton) abrange» (*hnwt šn nb n itn*), «Soberana do Alto e do Baixo Egipto» (*hnwt rsy mhw*), «Rei do Baixo Egipto dos Dois Países» (*biti-t3wi*)<sup>51</sup> e «Rei do Alto e do Baixo Egipto» (*nsw-bit*). Os primeiros títulos («Soberana das Duas Terras», «Senhora das Duas Terras» e «Soberana do Alto e do Baixo Egipto») são, no fundo, traduzíveis por *basilissa*, «rainha», podendo ser aplicáveis a toda e qualquer rainha e princesa ptolomaica<sup>52</sup>. Todos são índices do *status* da rainha e do papel que desempenhou no espaço público.

No âmbito da fraseologia política egípcia, o título de *nsw-bity* (*nsw-bit*), conhecido na tradição histórica egípcia essencialmente para faraós do sexo masculino, mas também para outras mulheres, como Hatchepsut (XVIII Dinastia) e Tauseret (XIX Dinastia), que efectivamente exerceram o cargo real, demonstra a extraordinária importância e eminente posição que Arsínoe II alcançou na estrutura de poder ptolomaico, sem paralelo com qualquer outra mulher da realeza do seu tempo<sup>53</sup>. Na terminologia grega, o título pode ser rendido por *basileus*, «rei».

De facto, a Estela Pequena de Mendes, a Estela nº 5375 do Museu Puchkine, em Moscovo, e uma representação talhada num rochedo das pedreiras de Masara designam Arsínoe II como *nsw-bity* (*nsw-bit*), «Rei do Alto e do Baixo Egipto»<sup>54</sup>. No caso de Arsínoe II o que é extraordinário é haver documentos que lhe atribuem esse título, quando o efectivo detentor do poder político, o seu marido, o rei, não o ostenta<sup>55</sup>. É certo que não há nenhuma prova de ter usado este título durante a vida, apesar da opinião de alguns Autores (como Maria Nilsson), sendo, portanto, uma designação que a agraciou depois da sua morte, mas não deixa de ser significativa esta sua apresentação como soberana, de pleno direito, de nível hierárquico socio-político similar, comparável (para não dizer superior), ao marido-rei, e não apenas como consorte real<sup>56</sup>.

Em vida, também atribuídos por Ptolomeu II, Arsínoe II usou outros importantes títulos honoríficos de enorme repercussão no âmbito da ideologia real egípcia como «filha do rei» (*s3t-niswt*), «irmã do rei» (*snt-niswt*), «grande esposa do rei» (*hmt-niswt-wrt*), «esposa do deus» (*hmt-ntr*), «mãe do rei» (*mwt-niswt*) ou, um dos seus epítetos mais constantes, «filha de Amon»

50 - BOUCHÉ-LECLERCQ, 1903: 161, 162, 164.

51 - Este título, como reconhece Jan Quaegebeur, é, no fundo, uma contradição nos termos. Talvez se possa aqui estabelecer uma relação com a coroa *decheret*, a coroa vermelha do Baixo Egipto, que é um elemento integrante, como veremos, da coroa composta com que Arsínoe II é representada (QUAEGEBEUR, 1971: 203).

52 - QUAEGEBEUR, 1971: 204.

53 - SALES, 2015: 87-142; GRAJETZKI, 2005: 53, 72; HAUBEN, 1983: 108; QUAEGEBEUR, 1971: 204, 205, 208.

54 - QUAEGEBEUR, 1971A; 202. Maria Nilsson sustenta que há seis cenas representando Arsínoe II que a apelidam de *nesu-bity*, «Rei do Alto e do Baixo Egipto» ou alternativamente *bity tau* «Rei do Baixo Egipto das Duas Terras», sendo que duas delas se referem à rainha ainda em vida, uma hoje exposta em três fragmentos no Archaeological Institute of the University of Trier, na Alemanha, e a outra numa arquitrave actualmente na Suécia, no Mediterranean Museum de Estocolmo – MN 10026 (M. NILSSON, 2011: 1, 3; ZAVALIS, 2019: 297).

55 - HAUBEN, 1983: 110.

56 - NILSSON, 2010: 403.

(*s3t-Imn*)<sup>57</sup>. De facto, esta última designação surge um pouco por todo o lado (Karnak, Dakka, Filae, Coptos, Sakara, etc.), sendo colocada antes do nome de nascimento de Arsínoe, parecendo querer denotar uma ligação permanente entre a rainha e o antiquíssimo deus egípcio Amon, ele próprio de enorme impacto e ressonância no mundo mediterrânico helenístico, colocando-a numa proeminente posição socio-religiosa, tanto como rainha como deusa<sup>58</sup>. O mesmo, aliás, é também válido para o título «Imagem de Ísis e de Hathor» que também usou, associando-a à mãe dinástica celestial (Ísis) e à rainha governante divina (Hathor)<sup>59</sup>. Os restantes títulos colocam a rainha lágida na linhagem real e explanam a sua ancestralidade e relação com o rei reinante. São títulos que a descrevem como mulher e como rainha, mais do que como deusa.

Arsínoe II recebeu ainda, postumamente, o *praenomen* (nome de trono ou nome de coroação) de *khnemibenmaet-merinetjeru*, «A que está unida no coração da *maet*, amada dos deuses»<sup>60</sup>. Esta atribuição de um nome de coroação é um aspecto extraordinário, mesmo no seio da dinastia ptolomaica: rainhas lágidas posteriores, como Berenice II, Cleópatra I, Cleópatra III e mesmo Cleópatra VII, só receberam nomes de Hórus.

Na parte esquerda do topo arredondado da estela de Kom el-Hisn (Cairo, CG 22186), em calcário branco, que fornece uma versão do Decreto de Canopo, votado pelo sínodo do alto clero egípcio reunido em Março de 237 a. C. conferindo as honras divinas a Ptolomeu III, à sua esposa Berenice II e à filha de ambos, Berenice, que morreu ainda jovem, vemos o faraó Ptolomeu III Evérgeta I, com a coroa dupla e o manto cerimonial do *heb-sed*, e a esposa Berenice II seguidos pelo casal divino Tot e Sechat e pelos seus antepassados da Casa Real ptolomaica já falecidos (*mae-kheru*, «justificados»): representados mais à esquerda, os fundadores da dinastia, Ptolomeu I e Berenice I («os deuses salvadores»); diante deles o casal de «deuses irmão e irmã», Ptolomeu II e Arsínoe II, mesmo atrás de Tot e Sechat. Do centro do topo da estela para a esquerda, as personagens masculinas estão sempre à frente das femininas, ostentando eles, além das respectivas coroas, saiotos e caudas taurinas, ceptros *uas* nas mãos esquerdas e símbolos-*ankh* nas mãos direitas. A deusa Sechat e as rainhas ptolomaicas seguram ceptros *uadj* nas mãos esquerdas e nas mãos direitas as rainhas seguram também símbolos-*ankh*, marcando a sua condição de deusas, ao passo que a deusa da escrita, vestida com uma pele de leopardo, exhibe um cálamo, pronta para marcar a duração de vida dos faraós nos entalhes da nervura central da folha da palmeira, a planta dos milhões de anos<sup>61</sup>.

No que se refere à coroa, Arsínoe II é representada usando a coroa vermelha (*decheret*) do Baixo Egipto, encimada pelas duas altas plumas de Ísis e com uma coroa hathórica em miniatura (cornos de vaca liriformes rodeando um Sol) sobre essa coroa que, por sua vez, se encontra sobre uma cornamenta de carneiro do deus Amon (no caso sem a serpente-*uraeus*)

57 - NILSSON, 2010: 396-399. O título de «filha de Amon» foi também usado pelas rainhas-faraós Hatchepsut e Nitócris e pelas «Divinas Adoradoras» da XXVI Dinastia (QUAEGEBEUR, 1971A: 208, 209; 198: 45; NILSSON, 2010: 407).  
58 - SAUNERON, 1960: 104. Arsínoe II foi também apelidada de «Amada de Amon-Ré» e «Amada do carneiro». Note-se que o próprio Ptolomeu II tinha como nome de trono *Userkaré Meriamon*, ou seja, «Poderoso é o Ka de Ré, Amado de Amon» (CLAYTON, 1995: 209; BECKERATH, 1984: 234, 235).

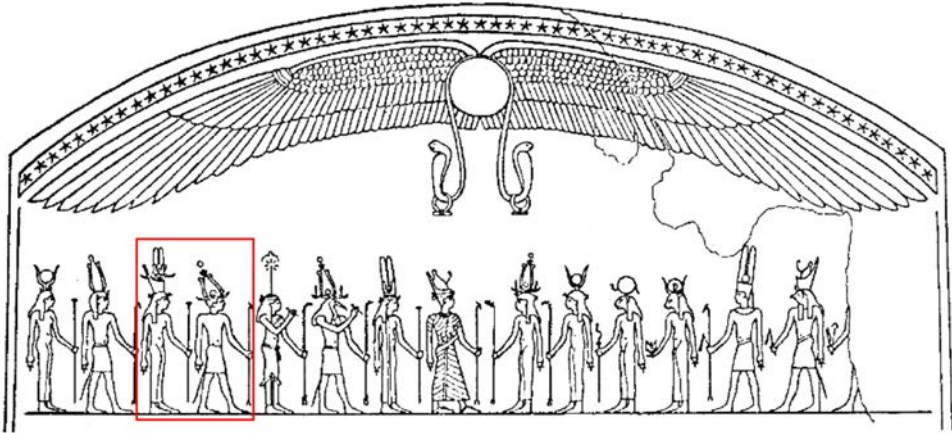
59 - NILSSON, 2010: 418, 419, 432.

60 - DODSON, HILTON, 2004: 275; BECKERATH, 1984: 234, 235; NILSSON, 2010: 422, 428.

61 - QUAEGEBEUR, 1988: 48; 1989: 102; NILSSON, 2010: 76, 77.

que parece sair da coroa vermelha<sup>62</sup>. Directamente sobre a cabeça, a rainha usa a cabeleira tripartida e o toucado de abutre<sup>63</sup>. A coroa composta de altas plumas e do disco solar envolvido por chifres de vaca foi a marca distintiva das esposas de Amon na XVIII Dinastia e das divinas esposas da Época Baixa<sup>64</sup> - Figs. 1 e 2.

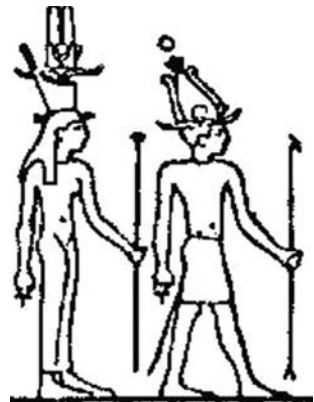
Arsínoe II, a «filha de Amon», surge em atitude de adoração (mãos livres, erguidas), ostentando a mesma coroa, no friso da porta de Evérgeta, em Karnak, situada diante do pilone



1. Topo arredondado da Estela de Kom el-Hisn (Cairo, CG 22186). Em destaque os «deuses Adelfos», Ptolomeu I e Arsínoe II. Observe-se a coroa usada pela rainha (vide figura ampliada).

do templo de Khonsu. Nesta cena também datada do reinado de Ptolomeu III, os «deuses Salvadores» e os «deuses Adelfos» voltam a surgir na representação, neste caso, adorando a Lua, o emblema do deus Khonsu-Tot. Arsínoe II usa a cabeleira tripartida e o toucado de abutre sobre os quais se apoia a sua coroa<sup>65</sup> - Fig. 3.

2. Figura ampliada do casal real Ptolomeu II e Arsínoe II na Estela de Kom el-Hisn. Observe-se a coroa da rainha.



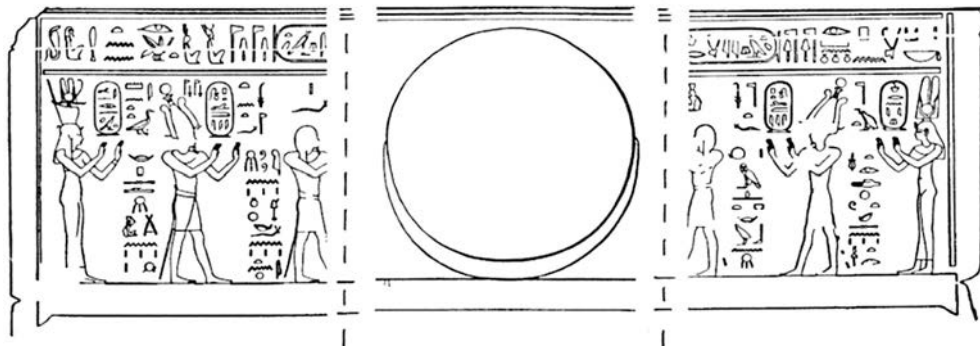
62 - QUAEGBEUR, 1978: 247, 248; 1988: 45.

63 - O toucado de abutre era uma das insígnias reais femininas egípcias mais antigas, remontando ao Período Dinástico inicial. No mundo divino, a deusa Nekhebet, divindade tutelar do Alto Egipto, usava este toucado de abutre, bem como a deusa do Baixo Egipto, Uadjit. Neste último caso, porém, em vez da cabeça de abutre, o toucado tinha uma serpente-*uraeus*. O toucado de abutre era também o emblema da deusa Mut, a deusa-leoa da dupla coroa, de Hathor e de Ísis. O abutre era colocado com o seu estômago sobre a cabeça da rainha/da deusa, muitas vezes complementando a cabeleira tripartida, artificial, usada pelas rainhas e deusas egípcias (VASSILKA, 1989: 93, 94; NILSSON, 2010: 227, 235).

64 - QUAEGBEUR, 1971B: 208.

65 - QUAEGBEUR, 1978: 248; SAUNERON, 1960: 100; NILSSON, 2010: 98, 99.

De igual modo, numa representação do reinado de Ptolomeu IV Filopator do templo de Edfu<sup>66</sup>, em que este faraó efectua oferendas aos deuses de Edfu (Hórus, Hathor e Harsomtus)

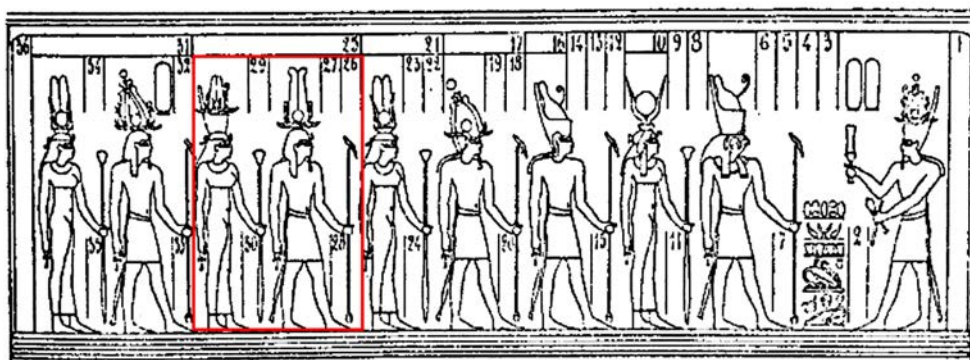


3. Friso da porta de Evérgeta, em Karnak. À esquerda, a rainha Arsínoe, em pose de adoração, com a sua característica coroa.

e aos três casais reais defuntos da dinastia ptolomaica (desta feita, portanto, incluindo já também Ptolomeu III Evérgeta I e Berenice II, os *theoi Evergetis*, «deuses benfeitores»), como *sunnaoi teoi* (σύνναοι θεοὶ), «deuses residentes» ou «deuses que compartilham o templo», dos deuses locais, Arsínoe II, a «mãe divina» (*mwt ntr*), como é descrita no texto, em tudo similar às outras duas rainhas ptolomaicas representadas, distingue-se, todavia, claramente, da sua mãe e de Berenice II pela sua singular coroa<sup>67</sup> - Fig. 4.

As designadas Estela Grande de Mendes (Cairo, CG 22181/ JE 37089)<sup>68</sup> e Estela Pequena

4. Representação do Templo de Hórus, em Edfu, com o faraó Ptolomeu IV Filopator ofertando aos deuses do templo e aos seus antepassados reais. Destaque para o casal Ptolomeu II e Arsínoe II. Atente-se na característica coroa da rainha.



66 - No templo de Edfu há sete representações de Arsínoe II: duas datadas do reinado de Ptolomeu IV Filopator e cinco do reinado de Ptolomeu VIII Evérgeta II (NILSSON, 2010: 89-96).

67 - QUAEGBEUR, 1978: 248; 1989: 96, 97; SAUNERON, 1960: 100; NILSSON, 2010: 91-93. O termo *sunnaoi theoi* define basicamente a associação do rei e da rainha como uma divindade no templo desta.

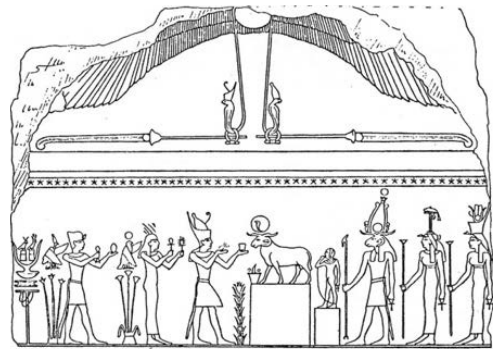
68 - Uma laje de calcário, descoberta em Mendes (moderna Tell El-Ru'ba), em 1871, por Auguste Mariette, com 1,47m de altura x 78 cm de largura. De topo arredondado, está decorada e inscrita de um lado (NILSSON, 2010: 69-70).

de Mendes<sup>69</sup>, bem como um baixo-relevo de Tânis, voltam a mostrar Arsínoe II com a sua coroa específica compósita sobre toucado de abutre (Estela Pequena de Mendes)<sup>70</sup>. Nas cenas idealizadas da Estela Grande, Ptolomeu II, acompanhado por Arsínoe II (de braços erguidos, segurando o símbolo *ankh* e um sistro) e por um enigmático «Ptolomeu filho» e «co-regente» de Ptolomeu II (seu filho bastardo e de uma das suas numerosas concubinas? Ptolomeu III, filho de Ptolomeu II com Arsínoe I? Ptolomeu, filho de Arsínoe II e de Lisímaco da Trácia? Ptolomeu II representado em dois momentos diferentes do seu reinado?), oferece mirra ao deus-carneiro local (lado esquerdo da representação), surgindo novamente Arsínoe II do lado direito (segurando um *ankh* e um ceptro-*uas*), significativamente como deusa (*sunnaos tea* dos deuses locais de Mendes, no Delta, Banebdjedet, o deus-carneiro, e Hatmehit, a deusa-peixe), ou seja, já defunta<sup>71</sup>. Devido à deterioração do baixo-relevo, na cena em que surge atrás do rei, qual sacerdotisa consorte oficiante, não é visível a sua coroa, que, porém, é claramente perceptível na outra cena da divinização, à direita<sup>72</sup> - Fig. 5.

Na Estela Pequena de Mendes, a cabeleira, o toucado e a coroa na representação de Arsínoe estão muito bem preservadas. A rainha, voltada à direita, figurada a seguir a uma divindade masculina antropomórfica com cabeça de carneiro e a uma figuração antropomórfica de Ísis, segura um ceptro *uas* na mão esquerda e o signo-*ankh* na direita. Ofertando aos deuses (estátua do carneiro Banebdjedet sobre pódium, com grande disco solar sobre chifres de carneiro, Khnum, Ísis e Arsínoe II de pé) um campo de juncos está Ptolomeu II Filadelfos, à direita, usando a coroa dupla, vestido com o saiote cerimonial e ostentando a cauda taurina<sup>73</sup> - Fig. 6.

O registo superior decorado da Estela de Pithom (CG 22183/ JE 37547) também nos mostra Ptolomeu II fazendo oferendas (da esquerda para a direita: um olho-*udjat*, dois pequenos vasos redondos, *nemset*, provavelmente de vinho ou de água, e uma figura de Maet) a várias divindades egípcias (Atum, Osíris, Hórus de Behutet e Hathor) e à sua falecida esposa Arsínoe

5. Estela Grande de Mendes, com a representação Arsínoe II com a sua típica coroa, visível, à direita



69 - A Estela Pequena de Mendes tem 41,8 cm de altura X 38,5 cm de largura e é também denominada Zagazig 228 ou Herriat Raznah Museum n° H 854 (NILSSON, 2010: 78).

70 - QUAEGBEUR, 1978: 249-251; MINAS-NERPÉL, 2015: 818.

71 - BOUCHÉ-LECLERCQ, 1903: 182-204; TUNNY, 2000: 83-92; NILSSON, 2010: 70-71, 374-378.

72 - NILSSON, 2010: 69; QUAEGBEUR, 1988: 45 (a representação da Fig. 15 mostra a estela em causa, encontrando-se, todavia, invertida no sentido horizontal); CLARYSSE, 2007: 201-206; SKUSE, 2017: 89-101. Como menciona Quaegebeur, esta singular representação de Arsínoe II cultuando-se a si própria, sujeito e objecto de culto, é comparável a cenas da XIX Dinastia, em que Ramsés II surge em adoração diante do deificado Ramsés II (QUAEGBEUR, 1988: 43).

73 - NILSSON, 2010: 78.



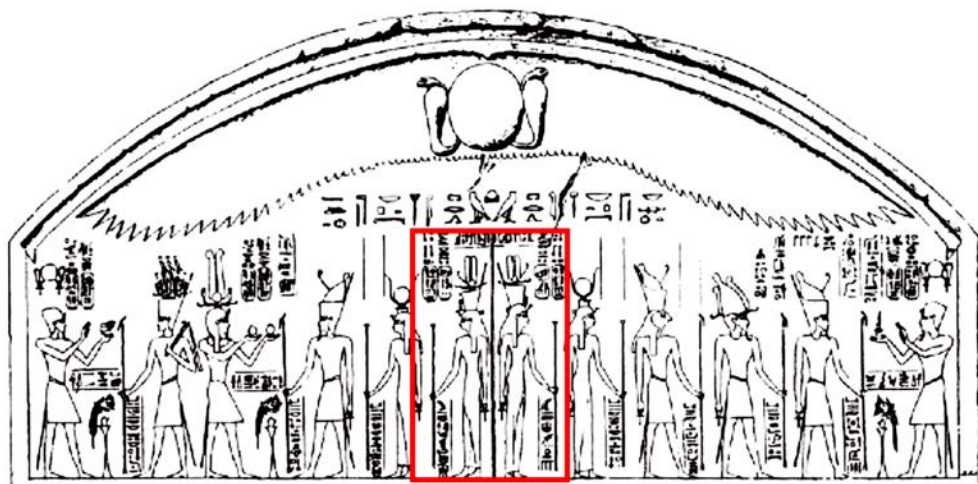
6. Estela Pequena de Mendes: Arsínoe II, com coroa, sobre toucado de abutre, está representada à esquerda.

II, também representada duas vezes, no centro da estela, costas com costas, em espelho, logo a seguir a Hathor, de ambos os lados. Segura ceptros *uas* e símbolos-*ankh* e neste caso a sua coroa compósita é bem visível nas duas representações, também sobre uma cabeleira tripartida e sobre um toucado de abutre com um *uraeus*, o clássico toucado da rainhas ou deusas «soberanas» do Egípcio, revelando o seu papel de mães e de herdeiras<sup>74</sup> - Fig. 7.

Da mesma forma, um outro baixo-relevo da porta de Evérgeta em Karnak (passagem leste da porta, segundo registo do grupo de cenas a norte) figura Ptolomeu

III, de saíote cerimonial e com a dupla coroa, queimando incenso em honra dos *theoi Adelphoi*, o pai Ptolomeu II (ostentando a osiríaca coroa *atef* com chifres de carneiro) e a sua madrastra Arsínoe II que, uma vez mais, usa a sua coroa apoteótica sobre a cabeleira tripartida

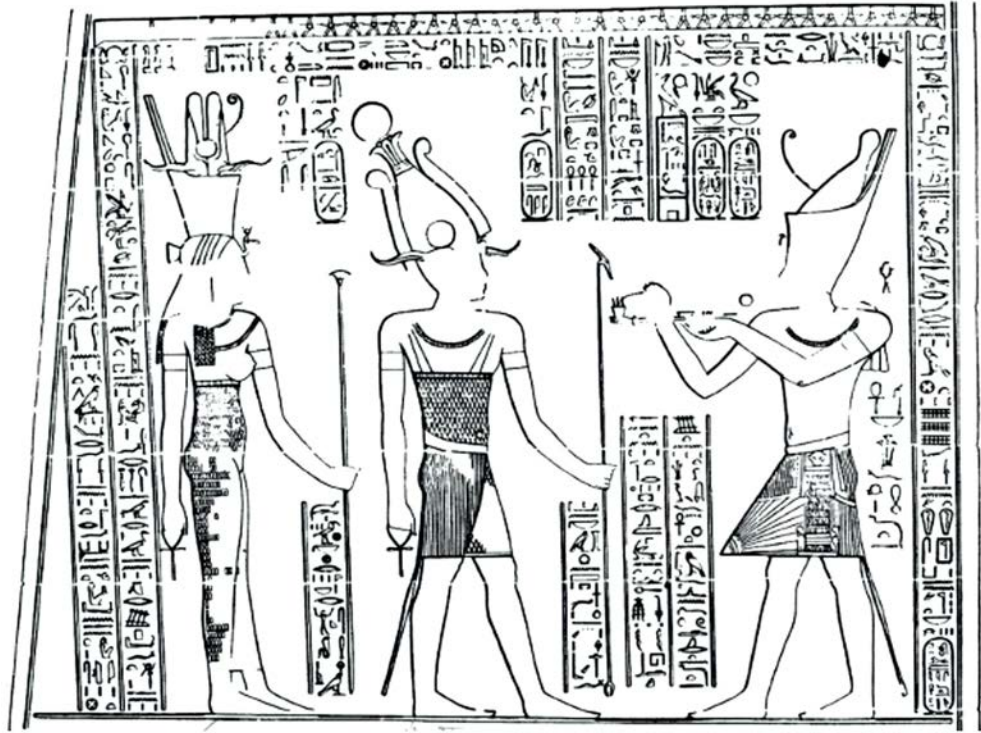
7. Estela de Pithom (CG 22183/ JE 37547): Arsínoe II, ao centro, representada duas vezes, usa a sua típica coroa, ao receber oferendas do marido-irmão, Ptolomeu II.



74 - NILSSON, 2010: 72-74; PLANTZOS, 2011: 391, 414. A Estela de Pithom, de 264/263 a. C., proveniente do antigo templo de Atum, em Tell el-Maskhuta, com 1,28 m de altura por 98 cm de largura, constitui o mais antigo testemunho iconográfico, ou, se quisermos, o primeiro, em que Arsínoe II surge com o chamado nó de Ísis a atar as suas vestes, como «imagem de Ísis e de Hathor» (D. PLANTZOS, 2011: 391, 392). O toucado de abutre sobre a cabeleira de Arsínoe II é particularmente bem trabalhado num relevo de calcário (42,5 x 57,7 cm), proveniente de Mênfis, hoje exposto no Museu de Arte da Harvard University (1983.96), Cambridge – Massachusetts – Fig. 11 (BIANCHI, 1988: 169, 170). Este toucado é também um motivo iconográfico egípcio tradicionalmente associado às deusas Ísis e Hathor (PLANTZOS, 2011: 403, 404; QUAEGBEUR, 1998: 78, 79, 94, nº 40).

e o toucado de abutre, e segura numa mão o signo-*ankh* e na outra o ceptro *uas*, sendo a mais alta das três figuras da cena<sup>75</sup> - Fig. 8.

Na estela nº 5375 do Museu Puchkine, em Moscovo, em calcário, proveniente de Abu-sir el-Melek (Taposiris Magna), com 27 cm de altura por 21 cm de largura, descoberta em



8. Baixo-relevo de Karnak: Ptolomeu III Évêrgeta I incensando ao casal real anterior, seu pai Ptolomeu II e a sua madrastra Arsínoe II.

1889<sup>76</sup>, figura Ptolomeu II fazendo oferendas diante de Arsínoe II, de pé, mais alta do que o rei, com um elegante vestido comprido, justo ao corpo, segurando na mão esquerda um comprido ceptro papiriforme (*uadj*) e na mão direita, estendido ao longo do corpo, o signo-*ankh*<sup>77</sup>. Na cabeça ostenta também a cabeleira tripartida e o toucado de abutre com um *uraeus*, típico das «soberanas», rainhas ou deusas, do Egípto. Sobre o toucado surge a coroa *decheret*, a coroa vermelha do Baixo Egípto, símbolo heráldico do norte do Egípto, de onde emerge a típica espiral (*khabet*)<sup>78</sup>. Esta coroa é dominada pelas duas altas plumas de cauda

75 - QUAEGBEUR, 1988: 50; NILSSON, 2010: 97, 98.

76 - Há uma estela muito similar a esta, também de calcário, com 27 cm por 16 cm, no Royal Ontario Museum (também chamada Estela Toronto 979.63), em Toronto, onde a rainha Arsínoe II, com cabeleira tripartida, toucado de abutre e coroa, ao lado de um altar, surge segurando um longo ceptro, numa postura manifestamente helenizada (QUAEGBEUR, 1988: 44, 46, 47; 1998: 79, 102; NILSSON, 2010: 82, 83).

77 - QUAEGBEUR, 1971A: 75, 79, 89, nº 14; PORTER, MOSS, 1934: 24; CANEVA, 2013: 305, 315.

78 - NILSSON, 2010: 80; QUAEGBEUR, 1971A: 198. O *uraeus* está talhado de uma forma que parece que o abutre tem

de avestruz, direitas, que se erguem atrás de pequenos cornos liriformes de vaca rodeando um pequeno disco solar e dela erguem-se, lateralmente, duas serpentes *uraei*<sup>79</sup>. Completam esta coroa os cornos de carneiro, horizontais, apanágio de Amon e símbolos de força ou de respeito, que servem de apoio às plumas, e a espiral da coroa vermelha. A estela n° 1056 do British Museum, proveniente de San el-Hagar (Tânis), com 42,4 cm de altura por 34,5 cm de largura, é iconograficamente similar, dando também a esquerda (posição de primazia) à rainha, embora esteja ausente a espiral típica da coroa vermelha<sup>80</sup> - Figs. 9 e 10.

No templo de Filae, na Porta de Ptolomeu II (lado leste, registo inferior), um relevo mostra este faraó da dinastia ptolomaica, usando a coroa branca do Alto Egípcio, ofertando a Ísis-Hathor e a Arsínoe II (atrás da deusa local, a «Senhora de Filae»), também ostentando a sua



9. Estela 5375 do Museu Puchkine, em Moscovo: Arsínoe II com a sua coroa recebendo oferendas do marido-irmão Ptolomeu II.



10. Estela 1056 do British Museum: diante de Ptolomeu II, Arsínoe II com a sua característica coroa.

coroa distintiva, sobre cabeleira tripartida e toucado de abutre, e segurando na mão direita, junto ao peito, o ceptro *nekhakha*, e na mão esquerda o signo *ankh*<sup>81</sup> - Fig. 11.

Numa outra representação de Filae (interior do naos, câmara VII, parede norte), Ptolomeu II Filadelfo faz oferendas de pão a Ísis que usa os chifres de vaca hathóricos, em torno do disco solar, e à sua deificada irmã-esposa Arsínoe (de pé, atrás de Ísis) que usa a coroa ver-

uma dupla cabeça.

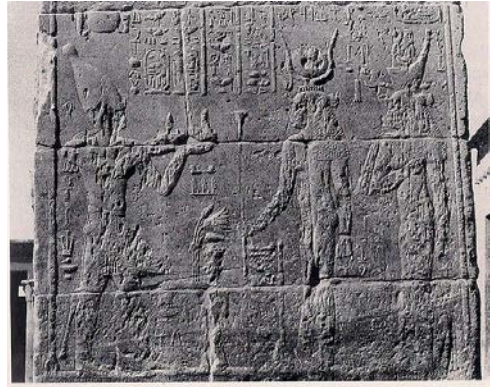
79 - BOWMAN, 1986: 23; SAMUEL, 1993: 198.

80 - NILSSON, 2010: 85, 86; BIANCHI, 1988: 103, 104. Esta estela tem a particularidade de apresentar Ptolomeu II segurando na mão esquerda um pequeno feixe de raios, associando-o, assim, ao deus Zeus e afirmando a sua divindade (BIANCHI, 1988: 104). O casal real é, portanto, figurado como deificado, como *theoi adelphoi*, tendo, nessa condição, lugar como *sunnaoi theoi* em Tânis. Quanto à esquerda como posição de primazia ou de importância, diga-se que em 29 das 36 cenas que Nilsson catalogou Arsínoe surge nessa posição, virada para a direita (NILSSON, 2010: 368, 369).

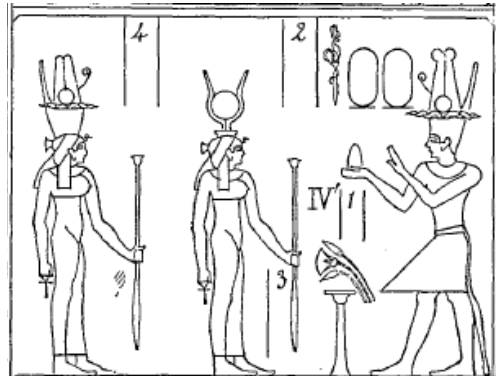
81 - QUAEGBEUR, 1988: 45, 47; NILSSON, 2010: 101, 102.

melha do Baixo Egípto, também assente sobre a cabeleira tripartida e o toucado de abutre, encimada por altas plumas de Ísis, uma versão miniatura da coroa de Hathor por cima da coroa vermelha e por baixo chifres de carneiro de Amon com o *uraeus* ou serpente real<sup>82</sup>. Em Filae, a deificada Arsínoe II é a única representante do sexo feminino (entre deusas e rainhas) a usar os cornos horizontais de carneiro, elementos que, aliás, são uma marca da sua coroa<sup>83</sup>. A «coroa de Arsínoe» é uma coroa que nenhuma outra rainha usou antes dela. Depois dela, apenas Cleópatra III e Cleópatra VII a usaram ou reutilizaram para se legitimarem quando agiam como sacerdotisas, em companhia do rei ou sózinhas<sup>84</sup> - Fig. 12.

Há muitas outras representações iconográficas de Arsínoe II<sup>85</sup>, em diferentes situações de culto, com a sua coroa, seja sozinha (*thea filadelfo*), acompanhada pelo marido falecido (*theoi adelphoi*) ou acompanhada pelo marido entre os casais ptolomaicos falecidos (*sunnaoi theoi*)<sup>86</sup>. Em todas, todavia, os diferentes elementos da sua coroa compósita, oriundos de um modelo definido no Império Novo, permitem



11. Porta de Ptolomeu II, em Filae. Arsínoe II à direita, atrás da deusa Hathor, ostentando a sua coroa típica, recebe oferendas do faraó e esposo Ptolomeu II Filadelfo.



12. Ptolomeu II ofertando a Ísis (com coroa liriforme encerrando disco solar) e a Arsínoe II com a sua típica coroa. (Templo de Ísis, em Filae – naos, interior, câmara VII, parede norte). (Bénéдите, 1893, planche XVIII).

82 - NILSSON, 2010: 105; BÉNÉDITE, 1893, Planche XVIII; PORTER, MOSS, 1983: 241, 242; ROWLANDSON, 1998: 28; SAUNERON, 1960 : 100

83 - VASSILIKA, 1989: 94; NILSSON, 2010: 62. Em Filae, há sete representações que mostram Arsínoe II com a sua coroa, NILSSON, 2010: 101-108.

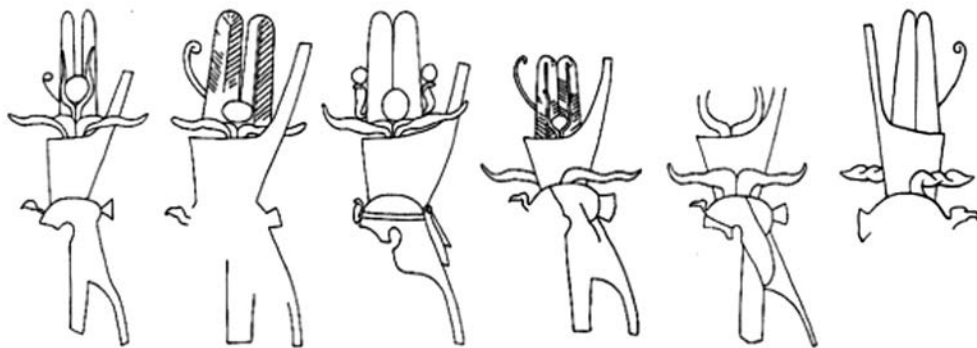
84 - QUAEGBEUR, 1978: 255, 258; DILS, 1998: 1309-1311, 1327; PREYS, 2013: 98, 105 (nota 60); RICHTER, 2012: 95-98; NILSSON, 2010: 26, 28.

85 - No estudo multidisciplinar com material iconográfico, religioso, antropológico e socio-político dedicado à coroa de Arsínoe II, Maria Nilsson recensou no seu catálogo 158 representações onde esta coroa ou outras a ela pictoricamente associadas surge em monumentos egípcios num espaço de cerca de 400 anos, entre a época de Arsínoe II e o período de Trajano, 36 delas directamente referentes à rainha Arsínoe, que nelas é figurada 40 vezes. Noutros casos, a coroa é ostentada por Hathor, Cleópatra III e Cleópatra VII (NILSSON, 2010: 58, 59, 64-222, 275-280, 510). A estas representações pode ainda acrescentar-se uma outra, como refere Caneva, em pedra calcária (22,5 X 20,5 cm), actualmente conservada numa colecção privada em Leuven, na Bélgica, mencionada pela primeira vez por Quaegebeur em 1978 e, depois, em 1988, 1993 e 1998, CANEVA, 2013: 313-316.

86 - QUAEGBEUR, 1978: 250-252, 257; 1971B: 198; 1989: 108, 110; SAUNERON, 1960: 100, 101; NILSSON, 2010: 36.

detectar uma coroa real conotada com a realeza masculina e com a região do Delta (a coroa vermelha), símbolos solares, dualistas (disco solar e plumas de avestruz) e de expressão de força ou de respeito (cornamenta de carneiro), bem como de conotação feminina (chifres de vaca, rodeando o disco solar)<sup>87</sup>. Com algumas diferenças (com ou sem toucado de abutre, forma de colocação na cabeça, estilo, posição e tamanho dos chifres de carneiro de Amon, presença ou não da espiral na coroa *decheret*, etc.), é possível, como faz Peter Dils, distinguir várias variantes da «coroa de Arsínoe»<sup>88</sup> - Figs. 13 e 14.

Os chifres de carneiro, colocados horizontalmente e simétricos, são realmente representados com diferentes tamanhos e estilos (um par simples, ambos os chifres completamente



13. Cinco variantes da «coroa de Arsínoe II», segundo Peter Dils (da esquerda para a direita). É preciso, pelo menos, acrescentar mais uma variante (coroa à direita), apresentada por E. Vassiika (FMAR 4).

126

visíveis ou um totalmente visível e outro parcialmente escondido, com ou sem decoração, com ou sem disco solar envolto em cornos de vaca) e ocupando posições distintas na coroa (no topo ou na base da coroa *decheret*, sobre o toucado de abutre ou sobre a cabeleira tripartida). A localização dos chifres de carneiro na coroa de Arsínoe II é provavelmente a maior diferença que esta coroa apresenta em relação a outras<sup>89</sup>. A coroa vermelha, por seu turno, pode aparecer com ou sem *khabet*. Nos casos em que a coroa está dotada da espiral, esta pode emergir a) dos cornos de carneiro, diante das duas plumas e dos cornos de vaca, b) atrás dos cornos de vaca, mas diante das duas plumas, ou c) atrás das duas altas plumas (o tipo mais comum), sendo apenas parcialmente visível. Simbolicamente, a coroa vermelha expressa o aspecto feminino conotado com a maternidade e a protecção<sup>90</sup>.

A dupla pluma de penas (*chut* ou *chuti*) da coroa de Arsínoe II emerge sempre da base da coroa vermelha, completamente direita ou ligeiramente curvada para a parte traseira da coroa. Tradicionalmente associadas a divindades masculinas como Hórus, Montu, Min, Amon

87 - DILS, 1998: 1306-1309; NILSSON, 2010: 16-27.

88 - DILS, 1998: 1300. Filip Coppens, porém, apresenta apenas quatro variantes, omitindo o tipo e) arrolado por Dils, bem patente em BIANCHI, 1988:169; COPPENS, 2005: 131). Também Elena Vassilika, no estudo que dedicou ao templo de Filae, arrola quatro variantes da coroa de Arsínoe II (abreviadas como FMAR 1-4), sendo que uma delas (sem o disco solar e cornos de vaca) não se encontra em P. Dils (E. VASSILIKA, 1989: 322).

89 - NILSSON, 2010: 236, 237, 282, 283.

90 - NILSSON, 2010: 247, 248, 250.



14. Coroa de Arsínoe II sobre toucado de abutre. Relevo de Méfnis, hoje no Museu de arte da Harvard University.

e Ré (por vezes nas formas sincréticas Amon-Min e Amon-Ré) ou femininas como Hathor e Ísis, ou aos faraós, mas neste caso sempre como elemento incorporado noutras coroas (ex. coroa *anedjti*), nunca usadas individualmente, as duplas plumas assumem a sua importância iconográfica-simbólica pela relação com os dualismos dos conceitos religiosos egípcios: masculino/feminino, marido/esposa, pai/filha, mãe/filho<sup>91</sup>.

Quanto aos cornos de vaca e ao disco solar, elementos presentes na maioria das representações da coroa de Arsínoe, particularmente associados a Hathor e Ísis na iconografia divina egípcia, detectam-se algumas variantes (no total seis), tendo em atenção a localização dos elementos (no topo da coroa vermelha ou sobre os chifres de carneiro), da sua dimensão (discos solares de pequenas dimensões ou mais alargados) e da sua combinação (há casos em que o disco solar surge sem estar rodeado pelos cornos liriformes. Simbolicamente, enfatiza-se o papel protector da rainha Arsínoe II, da mesma forma que Hathor protegia o Sol (=Ré)<sup>92</sup>. Patente em algumas das representações da coroa de Arsínoe II, a serpente-*uraeus* apresenta também três tipos diferentes: uma serpente na dianteira da coroa vermelha e duas serpentes ladeando as altas plumas, com ou sem o disco solar a encimar as suas cabeças<sup>93</sup>.

91 - NILSSON, 2010: 251-253, 274. Quanto às plumas, embora habitualmente aceites como sendo de avestruz, é equacionada a possibilidade de poderem também ser de falcão ou de ganso (NILSSON, 2010: 255-259).

92 - NILSSON, 2010: 261-266.

93 - NILSSON, 2010: 268, 269.

Como M. Nilsson sintetiza, a «coroa de Arsínoe é definida com base na composição dos seguintes elementos pictóricos: coroa vermelha, chifres de carneiro, dupla pluma de penas e cornos de vaca com disco solar»<sup>94</sup>. Por vezes, há variantes destes elementos e adições de pequenos pormenores, tais como *uraei*. Da mesma forma, Arsínoe II usa quase sempre como coberturas de cabeça uma cabeleira tripartida (há apenas quatro casos em que tal não acontece<sup>95</sup>) e em alguns casos o toucado de abutre, sem detalhes ou ornanentos suplementares ou acompanhado de uns pequenos cornos de vaca com o disco solar ou da cabeça de uma serpente *uraeus* com os cornos liriformes de vaca rodeando o Sol<sup>96</sup>. No âmbito da cultura egípcia e dos seus códigos de representação, a cada uma destas unidades isoladamente ou à sua conjugação reconhecem-se e atribuem-se valores simbólicos e mitológicos que lhe dão coerência, justificação, comunicabilidade e inteligibilidade. Na abalizada opinião de Jan Quaegebeur, as várias representações que repetem esta conjugação de elementos mostram, portanto, que esta coroa foi um elemento característico e identificador da apoteose e divinização de Arsínoe II. Há apenas duas representações em Edfu em que a rainha, ao lado do seu marido no âmbito do culto dinástico, não usa esta coroa, sendo representada com altas plumas e o disco solar rodeado pelos chifres de vaca. Tratar-se-á de um lapso do escultor que ignorando a coroa específica de Arsínoe II a representa com a coroa «normal» usada pelas rainhas ptolomaicas que lhe sucederam<sup>97</sup>.

O facto de Arsínoe II ser sempre representada com a sua coroa distintiva, específica, estrategicamente composta e desenvolvida para ela (por isso chamada «coroa de Arsínoe»), levou a inferir que isso resultaria de uma directiva da corte ptolomaica para todos os grandes templos egípcios, traduzida numa imagem, provavelmente elaborada pelos sínodos sacerdotais, em resultado de um programa iconográfico e de uma intencional agenda político-religiosa. Arsínoe II foi a primeira rainha macedónica do Egipto para quem se elaborou, por ocasião da sua divinização, isto é, da sua morte, em 270 a. C., uma estatuária e uma iconografia servida por meios de expressão tipicamente egípcios<sup>98</sup>. Como Maria Nilsson menciona: «Uma coroa, como atributo pessoal e símbolo de uma posição hierárquica, é talvez um dos mais importantes elementos de expressão numa cena»<sup>99</sup>.

A complexidade dos elementos da coroa de Arsínoe II torna difícil fornecer uma explicação única para a sua escolha e uso por esta rainha ptolomaica. No entanto, tudo leva a crer que, a partir da coroa *decheret*, se trata de uma coroa essencialmente masculina, usada por reis e por deuses, conotada com o Delta. No plano divino, Geb, Osíris e Hapi figuram entre os deuses da terra e da vegetação que usaram esta coroa, sugerindo-se uma relação

94 - NILSSON, 2010: 25, 62, 63.

95 - NILSSON, 2010: 89, 91, 93, 109, 225, 278, 280, 520 e 523.

96 - NILSSON, 2010: 60-62, 228, 517-523.

97 - QUAEGBEUR, 1971A: 199; DILS, 2005: 1299. De uma forma global, podemos dizer que as rainhas ptolomaicas surgem na iconografia com três tipos de coroas egípcias tradicionais: coroa de Ísis, coroa hathórica de plumas e dupla coroa (*pschent*), QUAEGBEUR, 1978: 257. As coroas das rainhas ptolomaicas desempenharam um papel tão importante como as coroas dos faraós masculinos.

98 - SAUNERON, 1960: 91, 92.

99 - NILSSON, 2010: 14.

entre os mundos agrários e funerário e uma simbologia genérica de regeneração e manutenção da vida. Quando usada por outras divindades (Hórus, Atum, Montu, Khnum, Ré-Horakhti, Hathor), ganha contornos solares, acentuados pela incorporação das duas altas plumas de avestruz e do próprio disco solar<sup>100</sup>. A coroa de Arsínoe II foi a primeira coroa personalizada, composta e concedida explicitamente a uma só pessoa/rainha, incorporando e enfatizando os seus papéis socio-religiosos e político, como deusa e como rainha. Todos estes contextos e simbolismos foram canalizados para os títulos, epítetos e para a coroa da rainha Arsínoe II.

Os títulos reais da rainha, a sua identificação com Ísis – a primeira rainha da dinastia ptolomaica a ser identificada com a grande deusa egípcia<sup>101</sup> –, filha de Geb (*s3t-Gb*), e logo a relação com este deus, cuja coroa *decheret* era encimada pela coroa *atef* colocada sobre os chifres de carneiro, permitem sublinhar este elos com este deus-terra do panteão egípcio. Suplementarmente a esta leitura, reforçando-a, o facto de o Faium, conhecido pela sua fertilidade agrícola, ter sido designado, entre 259-255 a. C, por Ptolomeu II como *nomos* de Arsínoe, cuja divindade principal era Sobek, identificado a Geb<sup>102</sup>. Os oficiais que criaram a iconografia da rainha, tratando-se de uma mulher, juntaram a uma coroa masculina um elemento de feminilidade: os cornos de vaca liriformes.

A coroa específica e o título *nsw-bity*, embora só conferidos à rainha após a sua morte, sublinham a dignidade e a autoridade que lhe foram atribuídas no seio da dinastia ptolomaica. Aliás, é esta a intenção das representações, já que, a julgar por algumas delas, a coroa seria impossível de usar na realidade. Trata-se de uma imagem codificada, virtual, que transmite uma mensagem sobre o seu portador<sup>103</sup>. Neste sentido, o simbolismo da coroa transmite-nos informações sobre a identidade, a origem, a função, a autoridade e o carácter de Arsínoe II.

### 2.3. Culto real

É muito significativo que a prática do culto real, espúria e avessa à própria concepção da monarquia macedónica, de carácter nacional e pessoal, em que o rei, como *primus inter pares*, não era alvo de qualquer forma de divinização, aproveitasse o plasma cultural e mental egípcio, em que o rei era, pela natureza das suas funções, um deus, para se implantar (*prae-paratio aegyptiaca*). Em apenas duas gerações, a prática ganhou consistência e fixou-se<sup>104</sup>.

Num primeiro momento, na procura de uma legitimação «superior» para a sua linhagem, Ptolomeu I Sóter inaugurou o culto dinástico em torno de Alexandre, *o Grande*, cujo corpo interceptara na Síria e fizera deslocar para o Egipto, primeiro para Mênfis e depois para

100 - DILS, 2005: 1326.

101 - QUÆGEBEUR, 1989: 112. A associação de Arsínoe II com Ísis pode ter resultado da sua parcial assimilação a Afrodite, a equivalente grega de Ísis-Hathor. A atmosfera helenística facilitou e até estimulou esta troca/assimilação multicultural, PLANTZOS, 2011: 391.

102 - DILS, 2005: 1326, 1327; MANNING, 2003: 102.

103 - DILS, 2005: 1304. Mencione-se que, não obstante, há autores, como Elena Vassilika que assumem que as coroas tinham uma forma física, ou seja, que podiam ser usadas na realidade (E. VASSILIKA, 1989: 86).

104 - SALES, 2011: 146.

Alexandria. A posse dos despojos do grande herói macedónico representava um talismã de extraordinário poder sobre os espíritos da época<sup>105</sup>.

Em 283-282 a. C. ou 280 a. C. no início do seu reinado, Ptolomeu II promoveu a deificação de Ptolomeu I, seu pai, como Θεοῦ ζ Σωτηῖρ, estabelecendo o princípio que o rei se tornava deus depois da morte<sup>106</sup>. Politicamente, a instituição do culto à memória do pai inscrevia-se no âmbito da sua política de consolidação dos seus direitos dinásticos, ou seja, estava eivada de razões pessoais e políticas, tanto mais que a sua subida ao trono [de Ptolomeu II] não fora isenta de contestação<sup>107</sup>. Da mesma forma, a divinização de Ptolomeu I e de sua esposa, Berenice I, como «Deuses Salvadores», Θεοῦ Σωτηῖρες, foi também efectuada, em 279/278 a. C., por Ptolomeu II Filadelfo, filho de ambos<sup>108</sup>. Os fundadores da dinastia tornavam-se assim deuses, embora a apoteose de um mortal fosse, em muitos casos, encarada mais sob o prisma simbólico do que real. Ptolomeu II ficou, assim, ligado ao estabelecimento da adoração dos seus pais defuntos como deuses. A partir daí, o casal real passou a beneficiar de culto próprio, com sacerdócio epónimo, instituído pelo próprio monarca reinante, e com um importante festival oficial (*Ptolemaieia*), tipicamente grego, celebrado de quatro em quatro anos, em vários lugares do mundo grego<sup>109</sup>.

Pouco depois, em 272-271 a. C., o segundo dos Lágidas, num claro acto de estratégia política, introduziu para si mesmo e para a sua irmã-esposa, Arsínoe II Filadelfo, o culto como Θεοὶ Ἀδελφοί («deuses irmão e irmã», em egípcio *ntr w sn w*) e receberam um culto que se associou ao de Alexandre Magno<sup>110</sup>. Instituíam-se o princípio de incorporar o casal real na adoração de Estado<sup>111</sup>. A epiclesse grega «deusa Filadelfo» (Θεὰ Φιλιάδελφος, «thea Filadelfo»),

105 - Os autores clássicos dividem-se quanto à atribuição da trasladação do corpo de Alexandre de Mênfis para Alexandria. Pausânias diz que o corpo permaneceu cerca de 40 anos na antiga capital egípcia e que foi Ptolomeu II Filadelfo que o transportou para a capital lágida. Diodoro da Sicília e Estrabão atribuem ao primeiro dos Ptolomeus esse empreendimento (Cf. DIODORO, XVIII; ESTRABÃO, XVII). Certo é que o corpo de Alexandre não foi para Aigai, a sul do rio Haliacmon, uma das antigas capitais da Macedónia (onde eram tradicionalmente inumados os reis da dinastia Argéada e os príncipes e princesas reais). Foi aí, por exemplo, que ele próprio conduziu as cerimónias fúnebres em honra de seu pai, Filipe II, o que, para os Macedónios, foi, na altura, um indubitável símbolo de sucessão e continuidade dinástica. Agora, a posse e inumação do corpo de Alexandre aparecia integrada na mesma linha mental de sucessão e continuidade dinástica. O Egipto era um reino independente, mas «dependente» desta «continuidade dinástica» que a posse do corpo de Alexandre estabelecia.

106 - KOENEN, 1993: 51; TARN, 1928: 248.

107 - HÖLBL, 2001: 36; HAZZARD, 2000: IX.

108 - BEVAN, 1934: 150; HAZZARD, 2000: 3, 31; ROUBEKAS, 2015: 6, 9; HÖLBL, 2001: 94; WALBANK, 1994: 97; HAUBEN, 1989: 458. A deificação de Ptolomeu I e de Berenice I pelo seu filho, Ptolomeu II, insere-se no procedimento de estabelecimento do culto real que Angelos Chaniotis considera ser fruto da «royal administration». No *Idílio XVII* (16, 17) de Teócrito alude à instituição do culto aos defuntos Sóteres, em Alexandria, a partir 270 a. C. (CHANIOTIS, 2003: 436). 109 - DUNAND, 1981: 13, 14; HAUBEN, 1989: 458; SAMUEL, 1993: 196. A primeira celebração teve lugar logo em 279/278 a. C. Da festa de 271/270 a. C. chegou-nos uma circunstanciada descrição transmitida por Ateneu de Naucrátis, em *Deipnosophistae*, onde são feitas referências ao relato original de Calíxeno de Rodes (HÖLBL, 2001: 94; DUNAND, 1981: 13-40; RICE, 1983; F. W. WALBANK, 1994: 121-125; WIKANDER, 1992: 143-150; HAZZARD, 2000: 60-79).

110 - TARN, 1928: 248; HEINEN, 1978: 182; QUAEGBEUR, 1989: 96. A designação «Filadelfo», atribuída pela historiografia aos dois irmãos, alude claramente ao amor deste casal fraternal.

111 - Estabelecendo no Egipto o culto do rei como deus após a morte e do casal real no âmbito dos cultos de Estado, na mesma linha das tradições reais autóctones egípcias e da tendência dos governantes dos reinos helenísticos da sua época, Ptolomeu II foi o verdadeiro autor dos cultos de Estado helenísticos, expressão política do direito divino dos reis (TARN, 1928: 248).

«deusa que ama o irmão»), que corresponde, por seu turno, ao título hieroglífico egípcio *ntr.t mr-sn*, assinala a sua incorporação no culto dinástico ptolomaico e, se quisermos, o alcance de um patamar novo da sua existência: deificação<sup>112</sup>. Como membro feminino do casal real, Arsínoe II foi considerada a origem da linhagem ptolomaica, «a mãe» de todos os Ptolomeus, «a divina mãe», «a divina mãe de todas as mães».

As iniciativas de Ptolomeu II denotam já, portanto, uma percepção total do fenómeno do culto do soberano porque, do ponto de vista histórico e teológico, abarcam todas as variantes possíveis do fenómeno: personagens mortas (singulares ou em casal) e personagens vivas (em auto-divinização ou em culto promovido por outrem)<sup>113</sup>. A divinização de Arsínoe II, inserida no âmbito de uma estratégia da Casa Real lágida, é certo, não deve ter ocorrido durante a vida da rainha, mas apenas na sua apoteose, depois da morte, não deixando igualmente de constituir um reconhecimento público e memorável do seu papel como *basilissa* ptolomaica e de funcionar como um reforçado estímulo à lealdade social à dinastia<sup>114</sup>. O princípio da divinização estava adquirido e perpetuar-se-ia durante toda a dinastia, desempenhando um importante papel na própria coesão dinástica e ajudando a impor os soberanos cultuados às várias camadas sociais egípcias e helenizadas.

Nas moedas cunhadas pelos Ptolomeus (um extraordinário e poderoso meio de propaganda, numa época em que o uso do retrato para difundir uma determinada figura se popularizou – carga representativa), Arsínoe II foi a primeira soberana lágida a ser representada sózinha, servindo de modelo para as representações de outras rainhas da sua dinastia nas emissões monetárias<sup>115</sup>. Nos aversos de moedas de prata e ouro, o retrato divinizado característico de Arsínoe II, de olho muito aberto (particularidade já presente nos retratos de Alexandre, o Grande, que se tornará numa característica da iconografia dos soberanos ptolomaicos<sup>116</sup>), mostra-a, virada à direita, com véu (símbolo de que já falecera), com *stephane* (símbolo de divinização)<sup>117</sup> e com um ceptro (outro elemento simbólico de distinção) cuja extremidade superior, visível sobre a cabeça, sugere uma flor de lótus (conotada com a maternidade, a fertilidade e a prosperidade), o que indica claramente a sua deificação, uma vez que a coroa só era usada por divindades ou por membros da realeza que se apresentavam a si próprios como divinos<sup>118</sup>. Tais emissões foram feitas em Alexandria, Salamina, Kition, Tiro, Pafos, etc.<sup>119</sup>. Há também representações em que é particularmente visível a pequena ponta do chifre de

112 - CANEVA, 2014B: 89, 90.

113 - HAUBEN, 1989: 446.

114 - CANEVA, 2013: 302. Historicamente, o primeiro culto dedicado a uma rainha foi instituído por Adeimantos de Lâmosaco, em Atenas, em honra de Fila I, filha de Antípatro e esposa de Demétrio Poliorceta, para quem construiu um santuário (dedicado a Fila-Afrodite), com estátuas cultuais, em 306/305 a. C. (SAVALLI-LESTRADE, 2003: 68, 69).  
115 - HEINEN, 1978: 180.

116 - Em relação a Arsínoe II refira-se que esta particularidade dos olhos muito abertos surge também nos bustos da rainha (ex.: cabeça do British Museum – GR 1888.6-1.38).

117 - Segundo as referências literárias e artísticas, o crescente em forma de coroa (*stephane*), usado para suportar/prender o véu, era um atributo das deusas Hera, Atena, Ártemis, Afrodite e Deméter. A *stephane* era, pois, usualmente, uma pequena coroa elevada, decorada com ornamentos florais geométricos.

118 - SALES, 2005: 391, 391, 392, figs. 35-39; FULIŃSKA, 2010: 79.

119 - MØRKHOLM, 1983:103 104.

carneiro, símbolo de Amon, abaixo do nível da orelha, enfatizando a sua divinização. Este detalhe resulta da sua relação com o grande deus Amon e pela apoteose da própria rainha, constituindo, portanto, um notável elo directo com a tradição real ptolomaica (evocando, nomeadamente, o próprio Alexandre Magno, também «filho de Amon») e egípcia (faraós das XVIII e XIX Dinastias)<sup>120</sup>. Há quem se lhe refira como um chifre taurino, vindo aí a sua deificação «egípcia», possivelmente numa associação com a deusa-vaca Hathor<sup>121</sup>. Ao sublinhar a autoridade real da rainha, Arsínoe II é uma espécie de prefiguração e modelo de Berenice II e de Cleópatra VII, suas sucessoras<sup>122</sup>. Os reversos das moedas são ocupados pela representação de duplas cornucópias (δύκερας, *dikeras*), recheadas de grãos e frutos (uvas, romãs, bolos), símbolos de abundância, fertilidade e prosperidade, enlaçadas pelo diadema e com filete de pano com franjas, símbolos da realeza e invenção ptolomaica específica associada como atributo pessoal a Arsínoe II<sup>123</sup>. Normalmente a legenda que acompanha estas cornucópias é ΑΡΣΙΝΟΗΣ ΘΙΛΑΔΕΛΦΟΥ («De Arsínoe Filadelfo»)<sup>124</sup>. Outras moedas, a que poderíamos chamar «moedas dinásticas», mostram também Ptolomeu II e Arsínoe II, acompanhados no anverso pela legenda ΑΔΕΛΦΩΝ, «dos irmãos», numa alusão ao casal real reinante. Os reversos são dedicados a Ptolomeu I e Berenice I, como ΘΕΩΝ, «dos deuses»<sup>125</sup>. Em ambos os casos, os rostos masculinos surgem em primeiro plano, ficando, portanto, o de Arsínoe II em fundo (sinal de subordinação pública da rainha ao rei, da mulher ao homem)- Figs. 15 e 16.

Também o camafeu Gonzaga<sup>126</sup>, produzido em Alexandria, no século III a. C., mostra o retrato emparelhado de Ptolomeu II Filadelfo e da sua esposa e irmã Arsínoe II como gover-

120 - QUAEGBEUR, 1988: 43; BIANCHI, 1988: 160, moedas 61c e 61d (anversos); FULIŃSKA, 2010: 79; SALES, 2005: 380, 381, figs. 6-8.

121 - DAVIS, KRAAY, 1973: 42.

122 - FULIŃSKA, 2010: 87, 88; SALES, 2005: 393, figs. 40-42; QUAEGBEUR, 1978: 245-262.

123 - HEINEN, 1978: 180; HAGGAG, 2013: 85, 86; 2014: 86; PFROMMER, 2001: 34, 35, 40; ASHTON, 1999: 129; BIANCHI, 1988: 160, moedas 61c e 61d (reversos); PLANTZOS, 2011: 391, 392. A cornucópia liga-se ao mito do chifre da cabra Amaltea que alimentou o jovem Zeus aquando da sua estadia na ilha de Creta e que este, quando se quebrou, encheu de frutos e de folhagens e entregou às ninfas como objecto miraculoso que fornecia sem se esgotar tudo o que desejavam e necessitavam. As cornucópias, também chamadas, portanto, «corno de Amaltea», associadas a Tyché, deusa da abundância e da fortuna, parecem ter sido desenhadas especificamente para o culto de Arsínoe II, tornando-se popular depois da sua morte, quando Ptolomeu II iniciou uma sistemática propagação do seu culto no Egipto e no exterior. Apesar das suas referências/influências gregas, a cornucópia dupla pode também ter-se associado ao duplo *uraeus* que Arsínoe II usa nas estátuas em estética egípcia (FULIŃSKA, 2010: 80-82; HAGGAG, 2013: 85). Nas moedas ptolomaicas, a *dikeras* só é associada a Arsínoe II. Os reversos das moedas de outras rainhas ptolomaicas (ex.: Berenice II, Arsínoe II ou Cleópatra I) mostram sempre apenas uma cornucópia simples, *keras*. Ptolomeu VIII Évérgeta II, Ptolomeu IX Sóter II e Cleópatra VII também cunharam moedas com *dikeras* (SALES, 2005: 393, figs. 40-42).

124 - BIANCHI, 1988: 160, moedas 61c e 61d (anversos); FULIŃSKA, 2010: 84, fig. 2. Embora mais raras, há também moedas de Arsínoe II que no reverso representam uma águia sobre o raio, que era um elemento da cunhagem ptolomaica instituído por Ptolomeu I como símbolo da dinastia que remetia para Zeus. É possível que as moedas com a águia sejam anteriores às que apresentam a cornucópia dupla, que a substituíram como símbolo do culto real de Arsínoe II.

125 - BIANCHI, 1988: 160, moedas 61b (reverso); FULIŃSKA, 2010: 75, 84, fig. 1; SALES, 2005: 252, 394, figs. 43, 44.

126 - Assim designado em homenagem aos seus proprietários na Renascença, os duques de Mântua da família Gonzaga, este camafeu representa talvez uma das obras-primas mais destacadas da Antiguidade Clássica. Com 15,7x11,8 cm, feito em sardónica (um tipo de ágata), prata e cobre, encontra-se hoje no Museu Hermitage (ГР-12678).

nantes deificados do Egípto<sup>127</sup>. A expressão apaixonada do rosto viril do governante contrasta com o perfil clássico composto de Arsínoe. O artesão fez um uso hábil das qualidades pictóricas inerentes à coloridas pedras. Como resultado, esculpiu as duas faces do meio, camada mais clara de ágata, sob a qual a terceira camada acinzentada é vista brilhando e formando um fundo, o que cria um efeito como se o rosto de Arsínoe estivesse na sombra. O cabelo, capacete e escudo (égide) de Ptolomeu, qual Zeus, são colocados na camada superior de pedra acastanhada, com as suas incrustações de luz a serem usadas para representar as rosetas no capacete e também as cabeças de Medusa e Fobos (personificação do Medo) no escudo - Fig. 17.

Durante a vida, Arsínoe II parece, realmente, ter atingido uma grande popularidade, o que, mais tarde, lhe granjearia outros divindos. Entre 259-255 a. C., já depois da sua morte, o *nomos* do Faiúm, como mencionámos, foi renomeado em sua honra como *nomos* arsinoíta, dividido em três «divisões» (*merides*), a saber, Polémón (a sul), Themistes (a oeste) e Heráclides (a norte e a nordeste), sendo Arsínoe II sua divindade patrona juntamente com Suchos/Sobek, o deus crocodilo<sup>128</sup>. Numerosas cidades e povoações, como Filadélfia, Theadélfia e Arsínoe, tomaram

127 - Há outros camafeus representando os dois irmãos-esposos, também virados à esquerda, como é o caso do exposto no Kunsthistorisches Museum (IX A 81), de Viena, com 11,5 cm de altura, proveniente também de Alexandria, em sardónica indiana. O rei, em primeiro plano, usa um elmo ático, com um raio (atributo de Zeus) e protectores laterais da face. A rainha, em segundo plano, usa véu e coroa.

128 - ROWLANDSON, 1998: 28; BEVAN, 1934: 139; MANNING, 2003: 102.



15. Anverso e reverso de um octodracma de ouro, com Arsínoe II e a dupla cornucópia (*dikeras*).



16. Moeda de ouro com Ptolomeu II e Arsínoe II no anverso (os *adelphon*) e Ptolomeu I e Berenice I no reverso (os *theon*). Imagens geminadas ao serviço de uma nova conjuntura ideológica.

17. O camafeu Gonzaga.



também o seu nome<sup>129</sup>. Com base em anteriores festivais religiosos, foi-lhe igualmente estabelecido, em Alexandria e na *chôra* egípcia, um festival anual, *Arsínoeia*, de que desconhecemos, porém, a duração, embora saibamos que se celebrava no mês de Mesore, no início da inundação anual do Nilo, com sacrifícios animais (sobretudo, de porcos) e concursos atléticos e que incluía, pelo menos na capital, uma procissão de canéforas pelas principais ruas da cidade, carregando uma imagem de Arsínoe Filadelfa<sup>130</sup>. A canéfora, *κανηφόρος*, ou «portadora (φόρος) do cesto (κάνης) dourado», aquela que transportava os instrumentos cerimoniais durante as procissões sagradas, era, portanto, uma sacerdotisa especialmente dedicada ao culto da deusa Arsínoe<sup>131</sup>.

Esta inovação maior no modo de vida lágida (a divinização da rainha) perduraria durante cinco gerações, de que as sempre diferentes epiclèses do casal real darão claro testemunho. Sabe-se pela Estela Grande de Mendes que, pouco tempo depois da sua morte, em 270 a. C., Ptolomeu II, então no 15º ano do seu reinado, produziu um decreto (reproduzido justamente no texto da estela) para que fosse erigida uma estátua de culto (*ágalmata*, em grego; *šm ntr*, em egípcio) a Arsínoe em todos os templos egípcios do Egipto: «*Sua Majestade ordenou que se erguesse em todos os templos uma efígie sua [de Arsínoe II] e esta decisão agradeu aos sacerdotes, uma vez que reconheciam que a rainha fora justa para com os deuses, beneficiando-os a todos, e tivera excelentes actos para benefício de todas as pessoas. O seu nome foi proclamado como amada do carneiro [o deus Banebdjedet, de Mendes], a deusa Filadelfos, Arsínoe*»<sup>132</sup>.

134

Ela foi, então, adoptada como *σύνναος θεά*, a deusa associada a todas as divindades em todos os templos egípcios. Foi assim associada a Herichef em Mendes, a Neit em Sais, a Mut em Tebas, a Ísis em Filae, a Khonsu em Karnak, a Ptah em Mênfis e em Sakara, a Montu em Hermontis e no Faium, bem como associada aos deuses e deusas locais como «filha de Amon», «filha de Geb» (qual Ísis) ou «deusa entre os deuses vivos sobre a Terra»<sup>133</sup>. Arsínoe II recebeu, portanto, um passado mítico e um estatuto divino comparável ao da maioria das tradicionais divindades egípcias, sendo associada a muitas delas. O seu culto desenvolveu-se e foi particularmente popular e logevo, tendo sobrevivido até à primeira metade do século I a. C., altura da última atestação em Mênfis<sup>134</sup>.

Registe-se, todavia, que, na documentação egípcia, Arsínoe II nunca surge como deusa adorada sózinha, isoladamente<sup>135</sup>. Foi sempre divinizada como deusa associada de pleno

129 - BEVAN, 1934: 138; SAUNERON, 1960: 94.

130 - POMEROY, 1990: 30; BURSTEIN, 1982: 201; HÖLBL, 2001: 104. A denominação desta sacerdotisa deriva da cesta, *kaneon*, que usava nas procissões rituais (BEVAN, 1934: 152; QUAEGBEUR, 1989: 94; CERFAUX, TONDRIAU, 1957: 196, 221). A instituição do culto de Arsínoe II com sacerdócio próprio pressupõe não só a afectação desse pessoal religioso como a tomada das disposições financeiras (*apomoira*) destinadas a assegurar a sua sustentabilidade (SAUNERON, 1960: 100; QUAEGBEUR, 1971B: 244; BURSTEIN, 1982: 201; KOENEN, 1993: 66-69; CANEVA, 2012: 88).

131 - BEVAN, 1934: 152; QUAEGBEUR, 1989: 94; CERFAUX, TONDRIAU, 1957: 196.

132 - QUAEGBEUR, 1971B: 242; 1978: 249; 1988, 43; SAUNERON, 1960: 96. Ver também CANEVA, 2014B: 88.

133 - CERFAUX, TONDRIAU, 1957: 211; SAUNERON, 1960: 94.

134 - QUAEGBEUR, 1988: 42, 50.

135 - SAUNERON, 1960: 101.

direito, incorporada no colégio de divindades de vários templos («entre os vários deuses»), como aconteceu em Alexandria, Canopos, Mendes, Pithom, Facousa, Tânis, Farbaitos, Hermonthis, Sais, Faium, Maasara, Taposíris, Heliópolis, Tebas-Karnak e Filae<sup>136</sup>. As estelas de Mendes que vimos antes são o primeiro testemunho do culto de Arsínoe como *sunnao thea* do deus carneiro da cidade. Pela Estela de Pithom, sabemos que lhe foi dedicado um templo num porto situado a norte do Mar Vermelho, que recebeu o nome de Arsínoe<sup>137</sup>.

Da mesma forma, há vestígios de santuários, altares ou dedicações territoriais a Arsínoe em diferentes lugares situados na zona mediterrânica de influência egípcia-ptolomaica: em Chipre (Arsínoe Lyktou e Arsínoe Rhithymna), em Argolis (Arsínoe Methana), na Lícia (Arsínoe Patara), em Keos, em Lesbos, em Amorgos, em Thera, em Paros, na Cirenaica... Arsínoe II foi, pois, a primeira rainha ptolomaica a receber culto em templos gregos e egípcios, embora tenha sido só após a sua morte que o culto à rainha atingiu o seu apogeu no Egipto e nos territórios submetidos à dominação lágida.

Em 263 a. C., Ptolomeu II ordenou que 1/6 das verbas provenientes das transacções de vinho e dos frutos dos pomares (ἀπόμωρα, *apomoira*), ou seja de terras não templárias, fosse reservado exclusivamente para o culto de Arsínoe II<sup>138</sup>. Para o efeito, muito deve ter contribuído o oásis do Faium, renomeado, como já mencionámos, como província de Arsínoe. As rendas provenientes das terras dos templos continuavam, em contraste, a ser destinadas à adoração dos restantes deuses do panteão<sup>139</sup>. Juntamente com Berenice II e Arsínoe III, Arsínoe II é uma das rainhas ptolomaicas representada nas *oinochoae* (οινοχόην) ou pequenas ânforas de vinho de faiança usadas para as libações de vinho no culto grego das rainhas, representadas na pança ovalada do vaso, em posição  $\frac{3}{4}$  voltadas à sua direita, usando um *himation* e um *chiton* gregos e segurando na mão esquerda cornucópias simples ou duplas, repletas de frutos e alimentos, e na direita uma *phiale*, φιάλη (pátera, vaso achatado e largo) para espalhar libações (de vinho puro ou de vinho misturado com água), sobre um altar ou directamente no chão, numa atitude de dispensadora divina da prosperidade e da abundância<sup>140</sup> - Figs. 18 e 19.

Em Alexandria foi-lhe dedicado um grande santuário (o *Arsínoeion*), situado perto do mar e dotado de um obelisco no *temenos*, cujo culto florescia ainda durante o Período Romano. Aí tinha também sacerdócio próprio (*kanephoros*). Segundo Plínio, este templo possuía uma

136 - QUAEGBEUR, 1971B: 242, 243. No que diz respeito ao Egipto, identificaram-se 44 localidades onde se comemorava o culto de Arsínoe II Filadelfo (MOT, 2015: 955).

137 - QUAEGBEUR, 1988: 47.

138 - BOUCHÉ-LECLERCQ, 1903: 179; KOENEN, 1993: 66, 67; MANNING, 2003: 53, 56, 57; 2010: 133.

139 - ROWLANDSON, 1998: 7; CLARYSSE, VANDORPE, 1998: 5-42; QUAEGBEUR 1988: 42.

140 - ROWLANDSON, 1998: 30; QUAEGBEUR, 1988: 43; COPPENS, 2005: 127, 128; CANEVA, 2014B: 110, 113. A iconografia típica dos vasos de faiança ptolomaicos representa uma cena ritual: a figura feminina segura a *phiale* na sua mão direita, com a qual realiza uma libação, e uma cornucópia simples ou dupla na sua mão esquerda. A cena representa um pequeno altar com *akroteria* ou com cornos à direita da figura e um altar alto, *agyieus*, semelhante a um pilar, ornado com uma coroa, à sua esquerda. A cena idealmente representada sobrepõe-se aos rituais realizados por adoradores individuais com a expectativa de estabelecer uma comunicação frutífera com a divindade honrada, que é o propósito do próprio ritual. As inscrições, nas asas do vaso e nos altares, identificam a rainha representada e a divindade cultuada, respectivamente (CANEVA, 2014B: 104-106; SAVALLI-LESTRADE, 2003: 69).



18. *Oinochoae* (c. 32 cm de altura) com figura de Arsínoe II segurando uma dupla cornucópia (The British Museum. GR 1873.8-20.389/ vaso K77).



19. *Oinochoae* (c. 28,4 cm de altura), a rainha realiza a libação ritual. Vê-se bem o altar à esquerda (The British Museum. GR 1856.12-26.192).

136

estátua da rainha, ornada de topázios, com uma altura de quatro côvados, e um obelisco faraónico que o rei mandara transportar de um antigo local monumental<sup>141</sup>. No Museu Gregoriano Egizio, no Vaticano, em Roma, encontra-se uma das estátuas de culto de Arsínoe II. Datada de c. 280 a. C., a estátua foi encontrada em Roma (Horti Sallustiani) e é provavelmente proveniente de Heliópolis, trazida pelo imperador Calígula. Tem 2,70 de altura e é feita de granito rosa (Museu Gregoriano Egizio n° 22681)<sup>142</sup>. Apesar de ter desaparecido a típica coroa da rainha e o objecto que segurava na mão esquerda, continua visível o duplo *uraeus* frontal (outra das suas características marcas egípcias: foi a primeira e única rainha ptolomaica a usá-lo)<sup>143</sup>. Uma outra estatueta de Arsínoe II deificada, de calcário (38,3 cm), de origem desconhecida, encontra-se no Metropolitan Museum de New York (20.2.21), mostrando-a usando uma indumentária drapeada, combinando um *chiton* e um *himation*, atados a cima do peito, sem coroa, mas segurando uma cornucópia do lado esquerdo<sup>144</sup> - Figs. 20 e 21.

Como patrona cultural, Arsínoe II patrocinou extravagantes e impressionantes procissões

141 - PLINE, 1980: 148.

142 - QUAEGEBEUR, 1988: 47, 48; 1989: 103; 1998: 74, 83, 86, n° 05; CANEVA, 2013: 302. Nesta estátua, a inscrição no pilar dorsal apelida Arsínoe II de «filha de Geb», «imagem de Ísis, amada de Hathor», «Filha do touro», «Amada de Atum, Senhora das Duas Tertas» (QUAEGEBEUR, 1988: 47; ASHTON, 1999: 86; HAGGAG, 2014: 86; ASHTON, 2003: 105).

143 - É de salientar que Arsínoe II foi a primeira rainha ptolomaica a ser representada em estética egípcia, quer em estátuas quer nas paredes templárias.

144 - BIANCHI, 1988: 170-172; PLANTZOS, 2011: 415, fig. 16; QUAEGEBEUR, 1988: 170-172; 1998: 75, 86, n° 04.



20. Estátua de Arsínoe II deificada (em estética egípcia), Museu do Vaticano



21. Estátua de Arsínoe II deificada (em estética grega, com elementos egípcios), Metropolitan Museum of New York

137

em Alexandria, em que, com o seu irmão-marido, sentados em tronos de ouro, atravessavam a capital lágida, acompanhados por sacerdotes, astrólogos, adivinhos, escribas, músicos e bailarinas (descritas por Teócrito no *Idílio XV*). Os poetas compuseram obras em sua glória (ex.: Calímaco de Cirene dedicou-lhe duas elegias, onde exalta Arsínoe Afrodite Zefirítis, qualificando-a de ninfa e afirma, comparando-a à apoteose de Helena de Tróia, tal como é descrita por Eurípidés, «Ó rainha, levada pelos deuses», sendo estes, aqui, os Dióscuros, Castor e Póllux<sup>145</sup>) e, como vimos, o Estado mandou cunhar moedas com a sua efígie sozinha, como Θεὰ Φιλιάδελφος, *thea filadelfo*, ou acompanhada do marido, como Θεοῦ Ἀδελφοῦ, *theoi adelphoi*.

No Cabo Zefírio, entre Canopos e Nicópolis, foi-lhe construído um pequeno santuário (pelo almirante Calícrates de Samos), onde era identificada com Afrodite, particularmente na sua qualidade de *Pontia* ou *Euploia*, e onde usava os epítetos de *Zefirítis*, *Kypros*, *Akraia* e *Aktaia*<sup>146</sup>. Arsínoe II era aí venerada como protectora e patrona das frotas, dos viajantes, dos

145 - CALLIMAQUE, 1933: 85, 86; TONDRIAU, 1948: 3, 9; CERFAUX, TONDRIAU, 1957: 199, 200; CANEVA, 2014a: 38, 39.

146 - TONDRIAU, 1948: 9; CANEVA, 2012: 85; 2014b: 91; 2015: 106, 107. A associação a Afrodite derivou de uma razão muito prática: era a única grande deusa grega associada aos territórios sob dominação lágida (POMEROY, 1990: 30). Mesmo que o culto a Arsínoe-Afrodite só tenha sido instituído após a morte da rainha, as relações culturais da rainha com o mar não podem ser imputados apenas à propaganda ptolomaica, podendo ser entendidas como o prolongamento da sua vida e das suas actividades reais e do rumo que pretendia conferir ao país (HAUBEN, 1993: 113).

marinheiros e do império marítimo dos Lágidas. A sua qualidade de protectora da navegação implicava que estava encarregue de proteger todas as pessoas contra as acções dos piratas, o que, no contexto internacional da época, assume um relevo particular. É, no fundo, uma forma indirecta de demonstrar o empenho na preservação da talassocracia lágida. Isso explica igualmente que várias cidades marítimas, disseminadas pelo vasto espaço imperial, tenham recebido o nome de Arsínoe II e porque razão o culto de Arsínoe Filadelfo, estreitamente associado ao de Arsínoe-Afrodite, floresceu precisamente nas localidades onde a influência ptolomaica mais se fazia sentir<sup>147</sup>. A determinação da política marítima lágida durante o reinado de Ptolomeu II pode ter tido na rainha Arsínoe II a sua principal executante. A sua anterior experiência no reino da Trácia ter-lhe-ia conferido um apurado sentido da importância dos portos e do domínio das zonas costeiras para o estabelecimento a afirmação de um poderio marítimo consistente e duradouro, neste caso da talassocracia ptolomaica<sup>148</sup>. À conta da aura da sua irmã-esposa, Ptolomeu II conseguiu, portanto, implantar, de forma durável, o culto dos soberanos lágidas na bacia oriental do Mediterrâneo. Neste sentido, pode dizer-se que a morte de Arsínoe II e, sobretudo, o seu culto, serviram as ambições ideológicas de dominação político-económico dos lágidas.

Em Karnak, em Edfu e em Tôd, como vimos, encontramos figurações em que Arsínoe II e Ptolomeu II são adorados pelos seus sucessores, designadamente Ptolomeu III, Ptolomeu IV, Ptolomeu VI e Ptolomeu VIII. Encontraram-se também evidências da popularidade do seu culto um pouco por todo o império ptolomaico, especialmente sob a forma de pequenas placas dedicadas a Arsínoe Filadelfo ou a Arsínoe Thea Filadelfo. Os próprios atenienses fizeram duas estátuas de Arsínoe II: uma foi colocada no Ódeon e outra nos Jardins do Mélicon.

## CONCLUSÃO

Independentemente do retrato que se possa traçar de Arsínoe II, mais comedido ou mais exagerado em termos da sua força na corte ptolomaica (face a um Ptolomeu II pretensamente fraco de carácter) ou da influência real ou suposta que exerceu na determinação das disposições concretas dos homens políticos com quem se relacionou, é genericamente admitido que estamos realmente perante uma das mais marcantes figuras da história do início do século III a. C.

Rainha da Trácia (300-281 a. C.), da Macedónia (285-281 a. C.) e do Egipto (279-270 a. C.), Arsínoe II é tida como uma mulher de grande talento, bela, voluntariosa, intransigente, ambiciosa e de poderosa personalidade, tendo participado activamente no governo dos seus maridos. No Egipto, cabe-lhe uma quota-parte de responsabilidade no sucesso do início do período ptolomaico. Aí reinou durante um curto período de tempo, mas marcou, a partir de 279 a. C., quando regressou ao Egipto, a política egípcia como verdadeira mulher de Estado.

---

Ver também FULIŃSKA, 2012: 50-54 e BARBANTANI, 2005.

147 - HAUBEN, 1993: 113, 114.

148 - HAUBEN, 1993: 114, 117, 125; MCKINNEY, 2018.

Todas as fontes antigas se conjugam para apontar Arsínoe II como uma rainha-deusa por excelência. A Estela Grande de Mendes declara que Arsínoe «partiu para o céu» e que foi «reunida aos membros de Ré». Outros documentos que nos chegaram falam dela ou mostram-na como deusa independente (*thea filadelfos*), como membro do casal divinizado (*theoi adelfoi*) ou como deusa incorporada no panteão egípcio local (*sunnaos thea*)<sup>149</sup>.

O seu papel político activo em vida e a veneração de que gozou depois de morta dão-lhe um lugar excepcional, como autêntica soberana, no panorama político lágida. Não é, por isso, exagero, conceder-lhe, pelo menos, um lugar equivalente ao de outras famosas rainhas-faraós do passado (Neferusobek, Hatchepsut e Tauseret) ou da sua própria dinastia (com destaque para a Cleópatra VII) ou mesmo de «Esposas Divinas de Amon» como Amenirdis, Chepenuepet e Nitócris, que partilharam com os maridos responsabilidades socio-político-religiosas.

Identificada com a deusa Ísis, como filha de Geb, chamada «filha de Amon», qualificada com o eloquente título de *nsw-bity*, caracterizada por atributos divinos que indicavam a sua posição individual, como a *dikeras*, o *uarei* e a coroa real compósita distintiva, de significação simbólica específica para a realeza lágida, venerada como deusa nos principais templos egípcios e em templos gregos, Arsínoe II gozou na sua época, no âmbito dos preceitos culturais em vigor, de uma proeminente posição de autoridade e de um poderoso poder político e simbólico, pelo menos equivalentes aos dos seu irmão-marido, que é justo conhecer, reconhecer e enaltecer.

## BIBLIOGRAFIA

- AGER, S. L., «Familiarity breeds: incest in the Ptolemaic Dynasty», *JHS* 125 (2005), 1-34.
- ASHTON, S.-A., *Ptolemaic Royal Sculpture from Egypt: The Greek and Egyptian Traditions and their Interaction*, London: King's College London, 1999.
- ASHTON, S.-A., *The last queens of Egypt*, Harlow: Pearson/Longman, 2003.
- BARBANTANI, S., «Goddess of love and mistress of the sea. Notes on a Hellenistic hymn to Arsinoe-Aphrodite (*P. Lit. Goodsp.* 2,I-IV)», *Ancient Society* 35 (2005), 135-165.
- BARBANTANI, S., «Arsinoe II Filadelfo nell'interpretazione storiografica moderna, nel culto e negli epigrammi del P.Mil.Vogl. VIII 309» em Luigi Castagna, Chiara Riboldi (eds.), *Amicitiae templa serena. Studi in onore di Giuseppe Aricò*, Milano: Vita e Pensiero, 2008, 103-134.
- BECKERATH, J., *Handbuch der Ägyptischen Königsnamen*, *MÄS* 20, Mainz: Philipp von Verlag, 1984.
- BÉNÉDITE, G., *Description et Histoire de l'île de Philae. Première Partie. Textes hiéroglyphiques*, Paris: Ernest Leroux, Éditeur, 1893.
- BEVAN, E., *Histoire des lagides (323-30 av. J.-C.)*, Paris: Payot, 1934.

---

149 - QUAEGBEUR, 1998: 83.

- BIANCHI R. S. *et al.* (eds.), *Cleopatra's Egypt. Age of the Ptolemies*, Brooklyn: The Brooklyn Museum, 1988.
- BIELMAN, A., *Femmes en public dans le monde hellénistique. IV<sup>e</sup>-I<sup>er</sup> s. av.J.-C.*, Lausanne: SEDES, 2002.
- BOUCHÉ-LECLERCQ, A., *Histoire des Lagides. Tome Premier. Les cinq premiers Ptolémées (323-181 av. J.-C.)*, Paris: Ernest Leroux, Éditeur, 1903.
- BOWMAN, A. K., *Egypt after the pharaohs. 332 BC - AD 642 from Alexander to the Arab Conquest*, London: British Museum Publications, 1986.
- BRESCIANI, E.; GIANNOTTI, S.; GORINI, C.; GRASSI, L.; MENCHETTI, A.; ROGOZNICA, N., «Ancora sull'iscrizione demotica di Elefantina», *Egitto e Vicino Oriente*, Vol. 26 (2003), 33-39.
- BURSTEIN, S. M., «Arsinoe II Philadelphos: A Revisionist View» em W. L. Adams, E. N. Borza (eds.), *Philip II, Alexander the Great and the Macedonian Heritage*, Washington DC: University Press of America, 1982, 197- 212.
- CALLIMAQUE, *Œuvres de Callimaque: suivies des mimes d'Herondas et du chant III des Rhodes*, Paris: Librairie Garnier-Frère, 1933.
- CANEVA, S. G., «Queens and Ruler Cults in Early Hellenism: Observations on festivals, and on the administration and ideological meaning of cults», *KERNOS. Revue internationale et pluridisciplinaire de religion grecque antique* 25, (2012), 75-101.
- CANEVA, S. G., «Arsinoe divinizzata al fianco del re vivente Tolemeo II: uno studio di propaganda greco-egiziana (270-246 A. C.)», *Historia* 62, Heft 3 (2013) 280-322.
- CANEVA, S. G., «Courtly love, stars and power. The Queen in third-century royal couples, through poetry and epigraphic texts» em M. A. Harder, R. F. Regtuit, G. C. Wakker (eds.), *Hellenistic Poetry in Context*, Leuven/ Paris/ Walpole: Ma Peeters, 2014A, 25-57.
- CANEVA, S. G., «Ruler cults in practice: sacrifice and libations for Arsinoe *Philadelphos*, from Alexandria and beyond» em Tomamaso Gnoli, Federicomaria Muccioli (ed.), *Divinizzazione, culto del sovrano e apoteosi tra Antichità e Medioevo*, Bologna: Bononia University Press, 2014B, 85-115.
- CANEVA, S. G., «Costruire una dea. Arsinoe II attraverso le sue denominazioni divine» em *ATHENAEUM, Studi di Letteratura e Storia dell'Antichità pubblicati sotto gli auspici dell'Università di Pavia*, Volume Centotreesimo, I, Pavia: Università – Pavia, 2015, 95-122.
- CARNEY, E. D.; *Arsinoe of Egypt and Macedon: a Royal Life*. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- CERFAUX, L.; TONDRIAU, J., *Le culte du souverain dans la civilisation gréco-romaine*, Tournai: Desclée & Cie, Éditeurs, 1957.
- CHANOTIS, A., «The Divinity of Hellenistic Rulers» em A. Erskine (ed.), *A Companion to the Hellenistic World*, Oxford: Blackwell, 2003, 431-445.
- CHAUVEAU, M., «Une nouvelle déesse Philadelphie» em Willy Clarysse, Antoon Schoors, Harco Willems (eds.), *Egyptian religion. The last thousand years. Part II. Studies dedicated to the memory of Jan Quaegebeur* Leuven: Departement Oosterse Studies, 1998, 1263-1275.

- CLARYSSE, W., «A royal journey in the Delta and the date of the Mendes Stela», *Chronique d'Égypte*, Vol. 82, (2007), 201-206.
- CLARYSSE, W.; VANDORPE, K., «The Ptolemaic apomoir» em H. Melaerts (ed.), *Le culte du souverain dans l'Égypte ptolémaïque au III<sup>e</sup> siècle avant notre ère*, Leuven: Studia Hellenistica 34, 1998, 5-42.
- CLAYTON, P. A., *Chronique des pharaons. L'histoire règne par règne des souverains et des dynasties de l'Égypte ancienne*, Paris: Casterman, 1995.
- COPPENS, F., «Egyptská královna a bohyně. Arsinoe II (316-270 př. Kr.)» em Vymazalová, H. (ed.), *Pražské Egyptologické Studie. Suplementa II. Staroegyptské královny. Jejich život a doba*. 2. vyd. Praha: České národní egyptologické centrum, 2005, 121-137.
- DAVIS, N.; KRAAY, C. M.; *The hellenistic kingdoms. Portraits, coins and history*, Londres: Thames and Hudson, 1973.
- DILS, P., «La couronne d'Arsinoé II Philadelphie» em Willy Clarysse, Antoon Schoors, Harco Willems (eds.), *Egyptian religion. The last thousand years. Part II. Studies dedicated to the memory of Jan Quaegebeur*, Leuven: Departement Oosterse Studies, 1998, 1299-1330.
- DODSON, A.; HILTON, D.; *The complete royal families of Ancient Egypt*, Cairo: The American University in Cairo Press, 2004.
- DUNAND, F., «Fête et propagande à Alexandrie sous les Lagides», *La fête, pratique et discours. D'Alexandrie Hellénistique à la mission de Besançon*, Paris: Centre de Recherches d'Histoire Ancienne 42, Annales littéraires de l'Université de Besançon, 1981, pp. 13-40.
- FOSTER, J. A.; ANDREWS, J., «Arsinoe II as Epic Queen: Encomiastic Allusion in Theocritus, Idyll 15» em *Transactions of the American Philological Association, Volume 136, Number 1, Spring* (2016) 133-148.
- FRASER, P. M., *Ptolemaic Alexandria*, Vol. I, Oxford: The Clarendon Press, 1972.
- FULIŃSKA, A., «Iconography of the Ptolemaic queens on coins: Greek style, Egyptian ideas?», *Studies in Ancient Art and Civilization*, vol. 14 (2010), 73-92.
- FULIŃSKA, A., «DIVAE POTENTES CYPRI? Remarks on the cult of the Ptolemaic queens as Aphrodite», *Eos XCIX, fasc. 2* (2012), 47-73.
- GRAJETZKI, W., *Ancient Egyptian Queens. A hieroglyphic dictionary*, London: Golden House Publications, 2005.
- GREEN, P., *D'Alexandre à Actium. Du partage de l'empire au triomphe de Rome*, Paris: Robert Lafont, 1997.
- HAGGAG, M., «Cosmopolitan trends. In the arts of Ptolemaic Alexandria» in Rogério Sousa, Maria do Céu Fialho, Mona Haggag, Nuno Simões Rodrigues (Editores), *Alexandria ad Aegyptum. The legacy of multiculturalism in Antiquity*, Porto/ Alexandria: Edições Afrontamento, 2013; 83-100.
- HAGGAG, M., «Duality and Fusion in the Royal Portraits of Ptolemaic Alexandria» em Pierre Leriche (ed.), *Art et civilisation de l'orient hellénisé: Rencontres et échanges culturels d'Alexandre aux Sassanides. Hommage à Daniel Schlumberger*. Paris, Editions A&J Picard, 2014, 75-81.

- HAUBEN, H., «Arsinoé II et la politique extérieure de l'Égypte» em E. Van't Dack, P. van Dessel, W. van Gucht (eds.), *Egypt and the Hellenistic World. Proceedings of the International Colloquium. Leuven. 24-26 May 1982*, Lovanii, 1983, 99-128.
- HAUBEN, H., «Aspects du culte des souverains à l'époque des Lagides», *Egitto e storia antica. Dall'ellenismo all'età arab. Bilancio di un confronto. Atti del colloquio internazionale, Bologna, 31 Agosto-2 Settembre 1987* (a cura di Lucia Criscuolo e Giovanni Geraci), Bologna, Editrice Clueb, 1989, 441-467.
- HAZZARD, R. A., *Imagination of a Monarchy: Studies in Ptolemaic Propaganda*, Toronto/ Buffalo/ London: University of Toronto Press Incorporated, 2000.
- HEINEN, H., «Aspects et problèmes de la monarchie ptolémaïque», *Ktema. Civilisations de l'Orient, de la Grèce et de Rome antiques*, n° 3 (1978), 177-199.
- HÖLBL, G., *A history of the Ptolemaic empire*, London/ New York: Routledge, 2001.
- HUNTER, R., *Theocritus: encomium of Ptolemy Philadelphus*, Los Angeles: University of California Press, 2003.
- KOENEN, L., «The Ptolemaic King as a Religious Figure» em Anthony W. Bulloch, Erich S. Gruen, Anthony A. Long, Andrew Stewart (eds.), *Images and Ideologies: Self-Definition in the Hellenistic World*, Berkeley/ London: University of California Press, 1993, 25-115.
- JACQ, C., «Arsinoé II, rainha Divinizada» em *As Egípcias. Retratos de mulheres do Egípto faraônico*, Porto: Edições Asa, 1998, 144-147.
- LEGRAND, Ph.-E., *Bucoliques grecs, Tome I. Théocrite*, Paris: Société d'Édition «Les Belles Lettres», 1960.
- LONGEGA, G., *Arsinoe II*. Roma: "L'Erma" di Bretschneider, 1968.
- MACURDY, G. H., *Hellenistic Queens. A Study of Woman-Power in Macedonia, Seleucid Syria, and Ptolemaic Egypt*. Chicago: Ares Publishers, 1932.
- McKINNEY, J. H., *Novel Ptolemaic naval power: Arsinoë II, Ptolemy II, and Cleopatra VII's innovative thalassocracies*, Washington: Whitmann College, 2018.
- MANNING, J. G., *Land and Power in Ptolemaic Egypt. The structure of Land Tenure 332-30 BCE*, Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- MANNING, J. G., *The last pharaohs. Egypt under the Ptolemies, 305-30 BC*. Princeton: Princeton University Press, 2010.
- MINAS-NERPÉL, M., «Ptolemaic queens in Egyptian temple reliefs: intercultural reflections of political authority, or religious imperatives» em P. Kousoulis and N. Lazariadis (eds.), *Proceedings of the Tenth International Congress of Egyptologists, University of the Aegean, Rhodes, 22-29 May 2008 (Orientalia Lovaniensia Analecta 241)*, Leuven, 2015, 809-821.
- MØRKHOLM, O., «The ptolemaic coinage in Phoenicia and the fifth war with Syria» em E. Van't Dack, P. van Dessel, W. van Gucht (eds.), *Egypt and the Hellenistic World. Proceedings of the International Colloquium. Leuven. 24-26 May 1982*, Lovanii, 1983, 241-251.
- MOT, T.-D., «Arsinoe II, regină a thraciei și egiptului», *ARHEOVEST III2 -in memoriam Florin Medeleț - Interdisciplinaritate în Arheologie și Istorie Timișoara, 28 noiembrie 201*, Szeged: JATEPress Kiadó, 2015, 949-960.

- MÜLLER, S., «The female element of the political self-fashioning of the Diadochi: Ptolemy, Seleucos, Lysimachus, and their Iranian wives» em Victor Alonso Troncoso, Edward M. Anson (eds.), *After Alexander. The time of the Diadochi (323-281 BC)*, Oxford: Oxbow Books, 2016, 199-214.
- NILSSON, M., *The crown of Arsinoë II. The creation and development of an imagery of authority*, Gothenburg: University of Gothenburg, 2010.
- NILSSON, M., «Arsinoë II Philadelphos – a female pharaoh?», *Shemu. The Egyptian Society of South Africa, Volume 15, Number 3* (2011), 1,3.
- PEREMANS, W.; VAN'T DACK, E.; MOOREN, L.; SWINNEN, W., *Prosopographia Ptolemaica. VI. La cour, les relations internationales et les possessions extérieures, la vie culturelle, n<sup>os</sup> 14479-17250 (=PP VI)*, Studia Hellenistica 17, Louvain, 1968.
- PFROMMER, M., *Greek Gold from Hellenistic Egypt*, Los Angeles: The J. Paul Getty Trust, 2001.
- PLANTZOS, D., «The Iconography of Assimilation. Isis and Royal Imagery on Ptolemaic Seal Impressions» em Panagiotis P. Iossif, Andrzej S. Chankowski, Catharine C. Lorber (eds.), *More than men, less than god's studies on royal cult and imperial worship. Proceedings of the International Colloquium organized by the Belgian School at Athens (November 1-2, 2007)*, Leuven/ Paris/ Walpole: MA, Peeters, 2011, 389-415.
- PLINE L'ANCIEN, *Historie Naturelle*, Paris: J. André et J. Filiozot, Belles Lettres, 1980.
- POMEROY, S. B., *Women in Hellenistic Egypt. From Alexander to Cleopatra*, Detroit: Wayne State University Press, 1990.
- PORTER, B.; MOSS, R., *Topographical Bibliography of Ancient Egyptian Hieroglyphic Texts, Reliefs and Paintings, IV. Lower and Middle Egypt (Delta and Cairo to Asyût)*, Oxford, 1934.
- PORTER, B.; MOSS, R., *Topographical Bibliography of Ancient Egyptian Hieroglyphic Texts, Reliefs and Paintings, VI. Upper Egypt: Chief Temples (Excluding Thebes). Abydos, Dendera, Esna, Edfu, Kom Ombo, and Philae*. Oxford: Griffith Institute, Ashmolean Museum, 1983.
- PREYS, R., «Cléopâtre I et la couronne d'Arsinoé. À propos des scènes de culte royal sur la porte ptolémaïque du 2e pylône de Karnak», *Documents de Théologies Thébaines Tardives 2, CENiM 8*, Montpellier, 2013, 95-109.
- QUAEGEBEUR, J., «Ptolémée II en adoration devant Arsinoë II divinisée (avec 2 planches)», *BIFAO 69*, 1971A, 191-217.
- QUAEGEBEUR, J., «Documents concerning a cult of Arsinoe Philadelphos at Memphis», *JEAS, vol. 30, n<sup>o</sup> 4* (1971B), 239-270.
- QUAEGEBEUR, J., «Reines ptolémaïques et traditions égyptiennes» em H. Maehler e V.M. Strocka (eds.), *Das ptolemäische Ägypten* Berlin: Deutsches Archäologisches Institute, 1978, 245-262.
- QUAEGEBEUR, J., «Cleopatra VII and the Cult of the Ptolemaic Queens» em R. S. Bianchi et al. (eds), *Cleopatra's Egypt. Age of the Ptolemies*, Brooklyn: Brooklyn Museum, 1988, 41-54.

- QUAEGEBEUR, J., «The Egyptian clergy and the cult of the Ptolemaic dynasty», *Ancient Society* 20 (1989), 93-116.
- QUAEGEBEUR, J., «l'autel-à-feu et abattoir en Égypte tardive», em Jan Quaegebeur (ed.), *Ritual and Sacrifice in the Ancient Near East: Proceedings of the International Conference organized by the Katholieke Universiteit Leuven, Leuven, 17-20 April, 1991*, Leuven, 1993, pp. 329-354
- QUAEGEBEUR, J., «Documents égyptiens anciens et nouveaux relatifs à Arsinoé Philadelphie», em Henri Melaerts (ed.), *Le culte du souverain dans l'Égypte ptolémaïque au II<sup>e</sup> siècle avant notre ère. Actes du colloque international, Bruxelles 10 mai 1995*, Leuven, Peeters, 1998, 73-108.
- RICE, E. E., *The great procession of Ptolemy Philadelphus*, Oxford: Oxford University Press, 1983.
- RICHTER, B. A., *The Theology of Hathor of Dendera: Aural and Visual Scribal Techniques in the Per-Wer Sanctuary*, Berkeley: University of California, 2012.
- RODRIGUES, N. S., «Peri Basilissas: em torno da importância política de cinco rainhas helénicas», em Delfim Leão, José Augusto Ramos, Nuno Simões Rodrigues (coords.), *Arqueologia de Impérios*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018, 257-276.
- ROUBEKAS, N. P., «Belief in Belief and Divine Kingship in Early Ptolemaic Egypt: The Case of Ptolemy II Philadelphus and Arsinoe II», *Religio, Volume XXIII, 1* (2015), 3-23.
- ROWLANDSON, J., *Women & Society in Greek & Roman Egypt. A sourcebook*, Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- SALES, J. das C., *Ideologia e propaganda real no Egípto Ptolomaico (305-30 a. C.)*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2005.
- SALES, J. das C., «La refundación del Estado egipcio en la época ptolemaica» em Marcelo Campagno, Julián Gallego, Carlos G. García Mac Graw (comps.), *El Estado en el Mediterráneo antiguo. Egipto, Grecia, Roma*, Buenos Aires, Miño y Dávila Editores, 2011, 135-154.
- SALES, J. das C., «The Ptolemies: An unloved and unknown Dynasty. Contributions to a different perspective and approach» in Rogério Sousa, Maria do Céu Fialho, Mona Haggag, Nuno Simões Rodrigues (Editores), *Alexandria ad Aegyptum. The legacy of multiculturalism in Antiquity*, Porto/ Alexandria: Edições Afrontamento, 2013, 35-47.
- SALES, J. das C., «O nascimento divino de Hatchepsut: elementos de um mito político», em *Política(s) e Cultura(s) no antigo Egípto*, Lisboa: Chiado Editora, 2015, 87-142.
- SAMUEL, A. E., «The Ptolemies and the ideology of kingship», em *Hellenistic history and culture*, Berkeley/ Los Angeles, 1993, 168-210.
- SAUNERON, S., «Un document égyptien relatif à la divinisation de la reine Arsinoe II (avec 5 planches)», *BIFAO* 60 (1960), 83-109
- SAVALLI-LESTRADE, I., «La place des reines à la cour et dans le royaume à l'époque hellénistique» em Regula Frei-Stolba, Anne Bielman, Olivier Bianchi (eds.), *Les femmes antiques entre sphère privée et sphère publique: actes du Diplôme d'Études Avancées*, Université de Lausanne et Neuchâtel, 2000/2002, Bern: Peter Lang, 2003, 59-76.

- SKUSE, M. L., «Coregency in the reign of Ptolemy II: findings from the Mendes Stela», *Journal of Egyptian Archaeology* 103 (2017), 89-101.
- TARN, W. W., «Ptolemy II», *JEA* XIV (1928), 246-160.
- THIERS, C., «Le mariage divin des dieux Adelphe dans la stèle de Mendes (CG 22181)», *ZÄS* 134 (2007, 64, 65).
- TONDRIAU, J. E., «Les souveraines lagides en déesses au III<sup>e</sup> siècle avant J.-C.», em *Études de papyrologie*, Caire: Imprimerie de l'Institut français d'Archéologie Orientale, 1948, 1-15.
- TROY, L., *Patterns of Queenship in Ancient Egyptian Myth and History*, Uppsala: Boreas, 1986.
- TYLDESLEY, J., *Chronicle of the Queens of Egypt from early dynasties times to the death of Cleopatra*, London: Thames & Hudson, 2006.
- TUNNY, J. A., «Ptolemy “the son” reconsidered: are there too many Ptolemies?», *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik* 131 (2000), 83-92.
- VAN OPPEN DE RUITER, B. F., *The religious identification of Ptolemaic queens with Aphrodite, Demeter, Hathor and Isis -Volume One*, New York: The City University of New York, 2007.
- VAN OPPEN DE RUITER, B. F., «The death of Arsinoe II Philadelphus: the evidence reconsidered», *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik* 174 (2010), 139-150.
- VASSILIKA, E., *Ptolemaic Philae*, Leuven: Uitgeverij Peeters, 1989.
- WALBANK, F. W., «Monarchies and monarchic ideas», *CAH*, Vol. VII, Part I. *The Hellenistic World*, 2<sup>a</sup> ed., Cambridge, Cambridge University Press, 1984, 62-100.
- WIKANDER, C., «Pomp and circumstance. The procession of Ptolemaios II», *Opuscula Atheniensia* XIX (1992), 143-150.
- WILL, É., *Histoire Politique du Monde Hellénistique (323-30 av. J.-C.)*, Tome I. *De la mort d'Alexandre aux avènements d'Antiochos III et de Philippe V*, Nancy: Université de Nancy, 1979.
- ZAVALLIS, V. M., *Entre agência e dominação masculina; o poder de Arsínoe II como rainha do Alto e do Baixo Egito (séc. III AEC)*, Tese de Mestrado, Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2019.